

Os Betencourt Perestrela de Vasconcelos: Uma Família e o seu Arquivo¹

The Betencourt Perestrela de Vasconcelos and their Family Archive

Maria Favila Vieira da Cunha Paredes²

Resumo

No âmbito da comemoração dos 600 anos do (Re)Descobrimento do Arquipélago da Madeira, recordamos o povoador e primeiro capitão do Porto Santo, Bartolomeu Perestrela, apresentando uma das linhagens que se destacam no universo da sua numerosa descendência – os Betencourt Perestrela de Vasconcelos –, e o respetivo arquivo familiar, hoje conservado no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.

Palavras-chave: Descobrimento; Madeira; Bartolomeu Perestrela; Betencourt Perestrela de Vasconcelos; Porto Santo.

¹ Agradeço reconhecidamente a colaboração da Dr.ª Paula Cristina Freitas Gonçalves, do Dr. Nuno Mota e do Dr. José Vieira Gomes, que se prontificaram a trocar impressões sobre a classificação do fundo e contribuíram com sugestões relevantes; bem como, para a elaboração dos quadros genealógicos necessários para fundamentar a classificação deste fundo, a do Dr. João Nuno Perestrela Alencastre Gonçalves Freitas, a de Regina Teixeira dos Santos Nóbrega e Elsa Gonçalves, a do Eng.º Filipe Pontes da Encarnação, a de Andy Aguiar, Gilberto Paulo, Roberto Faria, David Rodrigues e Leonardo Vasconcelos, e ainda a da Dr.ª Joana Judite Silva e do genealogista Dr. Paulo Pernetá.

² Licenciada em Ciências Históricas pela Universidade Livre de Lisboa (1982) e especializada em Ciências Documentais (opção Arquivo) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ingressou na Função Pública em 1983, na Divisão de Investigação e Apoio às Ciências Históricas da Direcção Regional dos Assuntos Culturais da Região Autónoma da Madeira e transitou para o Arquivo Regional da Madeira – hoje Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira – em 1988. Desde 1997, presta apoio técnico ao Arquivo Histórico da Diocese do Funchal – colaboração formalizada entre a Diocese do Funchal e a Direcção Regional da Cultura em 2017. Tem publicado documentos e estudos sobre arquivos privados familiares e a Ilha do Porto Santo, entre outras temáticas. Contacto: maria.paredes@madeira.gov.pt.

Abstract

The Archipelago of Madeira was (re)discovered 600 years ago. This paper presents a brief history of the Betencourt Perestrelo de Vasconcelos, who are among the numerous descendants of the settler and first captain of Porto Santo, Bartolomeu Perestrelo. It also provides the reader with information on their family archive, which is now preserved in the Madeira Regional Archive and Public Library.

Keywords: Discovery; Madeira; Bartolomeu Perestrelo; Betencourt Perestrelo de Vasconcelos; Porto Santo.

À Laia de Introito...

Com a inventariação do arquivo da família Betencourt Perestrelo de Vasconcelos, dei sequência a outras experiências de tratamento e valorização de arquivos e documentos de família: identificação dos documentos do arquivo da família Torre Bela, incluindo manuscritos históricos da ilha do Porto Santo que transcrevi³; estudo da história do morgadio dos Piornais⁴; seleção e transcrição de documentos referentes à capela de Nossa Senhora da Ajuda (sede do morgadio instituído por António Favila e sua mulher em 1540-1541), em colaboração com o antigo diretor do Arquivo Regional da Madeira Luís de Sousa Mello⁵, de que resultou nomeadamente a apresentação de uma comunicação no Colóquio Internacional de Arquivos de Família, na Torre do Tombo, em 2010⁶; adaptação à ISAD(g) (Norma Internacional de Descrição Arquivística) do catálogo elaborado por Miguel França Doria de documentos madeirenses do seu arquivo de família, cujos microfilmes podem ser consultados no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.

Coincidindo com o 6.º centenário do (re)descobrimento do arquipélago da Madeira, a conclusão do inventário do arquivo Betencourt Perestrelo de Vasconcelos convida a evocar o povoador e 1.º capitão do Porto Santo, ascendente assinalado desta família. Por momentos, regresso aos devaneios de esplêndidos dias de verão na «formosa e limpa praia», como é designada nos *Anais do Município do Porto Santo*⁷. Guiada pela Musa de Sofia de Mello Breyner, prende-me como dantes o encantamento

³ PAREDES, 2005, *Sonho da Ilha Afortunada e memórias de tempos difíceis: documentos históricos da ilha do Porto Santo*.

⁴ VIEIRA, VIEIRA e PAREDES, 2004, «Capela de Nossa Senhora da Ajuda: memória e atualidade», pp. 163-193.

⁵ MELLO e PAREDES, s.d., «Documentos agregados à Memória genealógica», inédito.

⁶ PAREDES, 2012, «Capela de Nossa Senhora da Ajuda e Morgadio dos Piornais em S. Martinho, Funchal, ilha da Madeira», pp. 243-264.

⁷ VIEIRA e RIBEIRO, 1989, *Anais do Município do Porto Santo*.

do mar que «respira/ coberto de brilhos»; transportada no «canto incendiador» da poetisa, interpretado pelos Setúbal Voz, imagino esse primeiro capitão deambulando no areal – talvez interrogando o porvir dos seus, já que, tendo a instâncias de Tristão Vaz abraçado o projeto régio de povoamento e exploração das ilhas, aqui casou três vezes e deixou uma descendência numerosa, de que os Betencourt Perestrelo de Vasconcelos constituem um ramo.

O inventário do arquivo Betencourt Perestrelo é desde logo um contributo para a reconstituição dessa descendência, aumentando o manancial de conhecimentos sobre os Perestrelas; permite também apresentar novos materiais para o estudo da instituição vincular e da Família; em conformidade com a norma ISAD(g), descreve não só os documentos do arquivo familiar, mas ainda documentos relacionados e alguma bibliografia que oferecem vislumbres da vida ou personalidade de vários capitães da Ilha Dourada e alguns parentes seus. Crime e castigo, amores de paixão e política de casamentos, intrigas palacianas e guerras de poder, triunfos e desaires, fama e virtude ou desonra e opróbrio... a saga dos Perestrelas, nomeadamente dos Perestrelas insulares, exhibe o arco-íris da condição humana, entre o mérito atribuído ao 1.º capitão do Porto Santo pelo Infante D. Henrique na carta de doação da capitania, e o elogio dos referidos *Anais* ao último Perestrelo que marcou o destino da Ilha Dourada – o inspetor da agricultura e 2.º governador Manuel da Câmara Perestrelo de Noronha. Aliás, o desempenho político e militar dos capitães e governadores do Porto Santo – fossem ou não de apelido Perestrelo – é tema que não está esgotado. As dificuldades que todos eles conheceram excediam os recursos disponíveis para defesa e desenvolvimento da ilha, de importância estratégica mas tão exígua e fácil de acometer como agreste, sobretudo depois que a exaustão da primitiva mata de zimbros e dragoeiros, outrora fonte do rendoso comércio de “sangue de drago” que os espanhóis disputavam aos portugueses, agravou a escassez de chuva.

Os Betencourt Perestrelo de Vasconcelos entroncam no 7.º capitão do Porto Santo, Diogo de Bettencourt Perestrelo, casado com D. Luísa Agostinha de Noronha. Ao instituir, em 1680, um morgadio cuja sucessão estava condicionada à obediência filial, este instituidor enalteceu uma das virtudes conducentes à paz e prosperidade familiar. À luz da mentalidade coeva, a família não era obra do instinto e mero acaso, mas como que um edifício que se elevava pela conformação da vontade individual com as leis naturais e as leis divinas (que também estabeleciam limites à autoridade do soberano). A família perduraria tanto mais excelente e próspera quanto mais virtuosa fosse, ou seja – como poderia dizer o jurista e teórico do absolutismo Bodin –, quanto melhor concretizasse a harmonia entre o comportamento moral dos indivíduos, a vivência no seio familiar e as relações entre as famílias e os restantes corpos sociais.

Neste quadro de valores, o morgadio, ao qual subjaziam «uma estrutura social e uma forma de perceção do real específicas, que o possibilitavam e eram por ele reforçadas», respetivamente a *linhagem* e a *genealogia*⁸, destaca-se como fator de construção das famílias nobres, entre dois momentos ponderosos da vida dos seus membros: a morte e o casamento. Ao instituir um morgadio, habitualmente por meio de disposição testamentária, o instituidor, estipulando condições para o seu sucessor aceder à administração dos bens vinculados, visa «assegurar a continuidade da família e a preservação do património»⁹; ao mesmo tempo pereniza-se como Pai fundador e (re)cria a família pelo poder que tem de moldar o destino desta depois do seu desaparecimento, ao cumprir um

«acto de regulamentação administrativo-jurídica de um património, no qual também se transmitem modelos de comportamento, regras de conduta social e formas de relacionamento com o mundo dos antepassados, destinados a vigorar durante gerações e condicionando tanto a posse dos bens como a chefia da linhagem»¹⁰.

Como a consolidação do estatuto e o incremento do património da família dependiam também de uma política de casamentos judiciousa, exemplarmente obediente seria desde logo o filho ou filha que casasse a contento dos pais. Que tal estratégia matrimonial podia originar tensões aflitivas e mesmo tragédias, demonstram-no os amores infelizes de José Freire de Vasconcelos (filho do 8.º capitão do Porto Santo e sobrinho de Paulo Freire de Noronha, 1.º administrador da terça do 7.º capitão da mesma ilha) e de D. Mariana: morreu de um tiro desferido a mando de José de Betencourt Henriques (com a cumplicidade de seu irmão o genealogista Henrique Henriques de Noronha), que foi condenado como autor moral do crime cometido

«pella cauza próxima [...] do cazamento que contra vontade sua intentava fazer o nomeado Jozeph Freire com huma sua filha [...] a paixão e odio do reo [...] fazendo publicas admoestacoens do seu sentimento, athe chegar a recolher a dita sua filha com violencia e estrondo em hum convento»¹¹.

Por outro lado, um episódio da história dos Betencourt Perestrelo de Vasconcelos demonstra que havia margem não só para recusar o casamento imposto, como também para os sucessivos morgados interpretarem a “lei” estipulada pelo instituidor do vínculo quando lhes tocasse nomear o administrador que lhes havia de suceder: assim aconteceu com D. Luísa Agostinha Betencourt Noronha, que não obstante ter

⁸ ROSA, 1995, *O morgadio em Portugal sécs. XIV-XV*, p. 19.

⁹ ROSA, 1995, *O morgadio em Portugal sécs. XIV-XV*, p. 120.

¹⁰ ROSA, 1995, *O morgadio em Portugal sécs. XIV-XV*, p. 20.

¹¹ Sentença de 29-03-1712, in *Certidão das sentenças dos filhos do governador do Porto Santo contra João de Bettencourt Henriques*, Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira (ABM), Família Torre Bela (FTB), cx. 19-34, fls. 2-2v.º.

casado “a furto”, foi escolhida por seu pai, o 2.º morgado, para suceder na administração da terça de Diogo de Betencourt Perestrelo.

A classificação de um acervo arquivístico procura conciliar o respeito de dados observáveis (como as *tipologias documentais* – cartas, ofícios, escrituras, recibos, róis de vinho, etc. –, ou os sinais reveladores da arrumação e uso dados aos documentos – agregados documentais, números, títulos e resumos, etc., inscritos em etiquetas ou nos documentos) com a interpretação dos mesmos, de modo a (re)estabelecer uma estrutura expressiva da origem e das inter-relações dos documentos produzidos/acumulados. No caso do arquivo dos Betencourt Perestrelo, a busca de sentido do cúmulo de papéis em presença passou também por uma investigação genealógica que, não sendo exaustiva, abrangeu um mundo de parentescos suficientemente alargado para testar o interesse das instituições Família e Morgadio como chaves interpretativas do património documental resultante da atividade dessa antiga família da elite madeirense. Partiu-se da tese de que

«a apreensão da especificidade da documentação que integra um arquivo de família deve ser compreendida no quadro da evolução histórica da própria instituição “Família”. De facto, [...] a realidade complexa que é a documentação deste tipo de arquivos [...] é um espelho de uma história que se estende ao longo de várias gerações [...]. Ao referir-nos a várias gerações pensamos sobretudo em duas importantes realidades quando abordamos um arquivo de família. Primeira, o facto de a família não ser uma instituição estática mas uma das instituições mais dinâmicas presentes na sociedade o que inexoravelmente se reflete na documentação do arquivo de uma família. Ora, esta realidade prende-se com outra fundamental, nomeadamente na Península Ibérica, que é a instituição do Morgadio que só por si irá determinar não só o tipo de documentação de um arquivo de família, como igualmente a concentração da documentação ligada a várias famílias na mão de um só detentor: o Morgado. [...] Não podemos esquecer que o morgadio contempla a posse da maior parte dos bens de uma família nas mãos do filho primogénito, que passará então a ser o habitual detentor de toda a documentação relacionada com a família, principalmente no que concerne a documentos patrimoniais e genealógicos. Por outro lado, os sucessivos casamentos produzem [...] variadas e progressivas agregações de documentação comprovativa dos bens transmitidos, nomeadamente relativa a dotes, podendo igualmente trazer outro tipo de documentação, da mais variada. É desta forma que o arquivo de uma família se vai tornando naquilo que Borja de Aguinagalde chama “um arquivo de arquivos”»¹².

Tratar um arquivo de família leva a questionar o uso da palavra “família” para designar formas de associação humana muito diversas da realidade biológica constituída por pai, mãe e filhos gerados pela união carnal dos pais:

¹² PEIXOTO, Jun. 1991, *Arquivos de família: orientações para a organização e descrição dos fundos dos arquivos de família*, p. 9.

«ao entrarmos no séc. XX e mesmo em grande parte do séc. XIX, os arquivos de família vão rareando cada vez mais em detrimento do cada vez maior número de arquivos pessoais, as razões estão por um lado numa nova forma de encarar a família e por outro lado nas novas relações económicas em que os elementos de uma família se vão separando do conjunto no que respeita às atividades pessoais»¹³.

Homens e mulheres do Arrojado Mundo Novo do século XXI, testemunhamos a imparável elevação do “homem aumentado” e verificamos que a própria existência de famílias/unidades biossociais está posta em causa por tendências éticas e jurídicas, opções e estilos de vida que divergem da (eco)lógica da natureza humana. *A contrario*, o arquivo que nos ocupa espelha um tipo de organização familiar de inspiração religiosa assente no culto dos antepassados e brotando da vontade do instituidor, reconhecida pela Coroa e pela Igreja como “lei do morgadio”. Neste quadro, o maior pesadelo do chefe de família era a inexistência de filhos que perpetuassem a “religião” doméstica – culto das tradições e dos valores materiais e simbólicos que expressavam a identidade comum dos membros de uma mesma “casa”; bom filho seria o que bem cumprisse a vontade do Pai – precisamente o filho mais merecedor e mais obediente, no entender do capitão Diogo de Bettencourt Perestrelo, fundador do morgadio e da linhagem dos Bettencourt Perestrelo de Vasconcelos.

1. História Familiar

1.1. Os Perestrelos, de Piacenza à Ilha da Madeira

É possível retroceder muitos séculos na história deste grupo familiar que entronca numa frondosa árvore de raízes italianas. Os Perestrelos portugueses são «un ramo – e ben documentato – della celebre famiglia Pallastrelli di Piacenza, una delle maggiore famiglie di questa città»¹⁴, sediada no castelo de Sarmato e cuja antiga nobreza o garboso leão do seu escudo evidencia:

«questa famiglia, oltrechè illustre e nobile, era anche ricca. Nei secoli XI e XII possedeva terre presso Piacenza, a Fodesta, a Roncori, a Pontenure, a Cotrebbia nella campagna di Piacenza oltre Trebbia e a Ottavello: e prima del 1136 era padrona degli ragioni sul Porto del Po. Nei secoli XIII, XIV e XV possedette terre al colle e al piano in più che quaranta diversi territorii del distretto. Fin dal terzo decimo secolo aveva possedimenti nell'Apennino piacentino a veintecinque chilometri dalla città, nel luogo detto Seriano, ove ergavesi un forte castello,

¹³ PEIXOTO, Jun. 1991, *Arquivos de família: orientações para a organização e descrição dos fundos dos arquivos de família*, p. 20.

¹⁴ REINA, 2017, «Lo stemma dei Perestrello e alcune importante testimonianze artistiche».

del quale buona parte anche oggi rimane. Nei due posteriori secoli, le ricchezze territoriale della famiglia estendevansi in una lunga e larga zona della pianura occidentale piacentina parallelamente al Po, dalla porta di Piacenza, detta di Sant'Antonio, fino a Fontana per una lunghezza di oltre sedici chilometri, senza quasi interruzione. Ivi i Pallastrelli tenevano castella, rocche e torri fortificate; ivi giurisdizioni, decime e vassalli; e in Po isole e diritti di pescagione»¹⁵.

Os nossos reis não duvidaram reconhecer a nobreza e as armas dos Pallastrelli, premiando os serviços prestados sob o condestável Nuno Álvares Pereira, no alvorecer da dinastia de Avis, por Filippo, filho de Madonna Bertolina Bracciforte e de Gabriele Pallastrelli, que veio para Portugal depois da venda do castelo de família em Sarmato:

«con breve dell'8 gennaio del 1399, dato a Porto (documento già nella Torre do Tombo, Cancelleria João III, Liv. XI, fol. 13v) D. João I concedeva a Filippo Perestrello l'uso dello stemma e gli concedeva e "le proprie case de Subripas" ovvero quelle che secondo Felgueiras Gois erano le dimore reali a Coimbra, tuttora esistenti, e splendido esempio di stile manuelino»¹⁶.

Trata-se de decisão régia anterior à referida por Luís Filipe Thomaz, que em artigo em que adota a tese da naturalidade genovesa de Colombo, assinala na biografia do navegador escrita por seu filho Don Hernando Colón o facto de «empolar a nobreza de D. Filipa Moniz, a primeira esposa de seu pai, chamando-lhe, com certo exagero, «senhora de nobre sangue, fidalga»»¹⁷. Thomaz refuta a tese de Mascarenhas Barreto e seus precursores, que haviam opinado que «uma dama da jerarquia de D. Filipa Moniz, filha do donatário do Porto Santo se não abaxaria a casar «com um aventureiro genovês»»: salienta que aqueles estudiosos de Colombo esqueciam que D. Filipa «não passava, afinal, da filha de um aventureiro lombardo, de jerarquia apenas um pouco mais subida»¹⁸, e conclui:

«Os Perestrellos estavam longe de pertencer à alta nobreza: o primeiro do nome em Portugal, Filippo Pallastrelli, chamado Filipão pela sua grande estatura, era um simples cavaleiro, originário de Placência, que veio para Portugal na comitiva de D. Leonor, futura mulher del-rei D. Duarte. Embora em 1433 este lhe tenha conferido brasão de armas e mandado passar carta de nobreza, nem o *Livro de Linhagens do Século XVI*, de autor anónimo, assaz fiável, nem a bem conhecida *Pedatura Lusitana*, incluem os Perestrellos em seus róis, e nenhum destes casou com damas de elevada estirpe. Muitos casaram com senhoras da sua igualha, filhas de capitães-donatários de outras ilhas: D. Isabel (ou talvez Helena) Perestrello, primeira filha do sogro de Colombo, desposou Pedro Correia, capitão

¹⁵ PALASTRELLI, Bernardo, 1876, *Il suocero e la moglie di Cristoforo Colombo*, Piacenza, cit. por REINA, 2017, «Lo stemma dei Perestrello e alcune importante testimonianze artistiche».

¹⁶ REINA, 2017, «Lo stemma dei Perestrello e alcune importante testimonianze artistiche».

¹⁷ THOMAZ, 2015, «Cristóvão Colón: português, natural de Cuba, agente secreto de D. João II?», p. 498.

¹⁸ THOMAZ, 2015, «Cristóvão Colón: português, natural de Cuba, agente secreto de D. João II?», p. 498.

da ilha Graciosa; Bartolomeu Perestrelo II, cunhado do descobridor, casou com Guiomar Teixeira, filha de Tristão Vaz Teixeira, donatário do Machico; e Bartolomeu Perestrelo III, filho do precedente, desposou Aldonça Delgado, neta de João Gonçalves Zarco, donatário do Funchal, e, em segundas núpcias, sua tia D. Yolanda, filha do donatário do Machico. Quanto aos filhos daquele, sobrinhos-netos por afinidade do descobridor das Antilhas, um casou com a filha de um magistrado (Diogo Taveira, desembargador e corregedor do Funchal), os outros dois com «homens principais, nobres e ricos», da própria ilha do Porto Santo, onde, como é bem sabido, não abundavam os titulares. Apenas o primeiro donatário e sogro do almirante, adotando a estratégia matrimonial seguida por outros *parvenus* para «melhorar o seu sangue», tomara esposa num estrato social ligeiramente superior ao seu, desposando uma Furtado de Mendonça»¹⁹.

Em 1522, D. João III consentiu que a mulher e noras do primeiro capitão do Porto Santo se pudessem chamar de Dom, por ele ser de ascendência nobre:

«Bertolameu Palestrello fidalgo de nossa caza e capitam da nossa jlha do Porto Santo nos enuiu dizer que elle desendia da linhagem e geração de Phelippam Palestrello e de missé Gabriel Palestello, e de madona Bertollina que sam fidalgos de linhagem de Lombardia, e uinhão da geração dos Pallestrellos e Bisfortes pedindo nos por merçe que por assim elle uir das ditas linhagens que herão muito fidalgos e em sua terra se chamauão de Dom que sua molher delle capitão se pudesse chamar de dom, e porquanto fomos certo elle capitão ser das ditas geraçõez e nos fazer certo por hum pubrico estromento, que nos delle foi apresentado, que os sobres ditos [*sic*] Felippam Palestrello e missé Gabriel Palestrello e madona Bertolina herão de nobre linhagem, e geração dos Palestrelloz e Bisfortes de Lombardia que herão muito fidalgos»²⁰.

No âmbito de um estudo sobre as armas dos Perestrellos, Gabriele Reina apresenta uma vistosa representação desse brasão tirada do *Livro da nobreza e perfeiçam das armas*, de António Godinho²¹, com o seguinte comentário:

¹⁹ THOMAZ, 2015, «Cristóvão Colón: português, natural de Cuba, agente secreto de D. João II?», p. 498, pp. 498-499. Não sendo objetivo deste artigo participar da discussão a respeito da nacionalidade de Colombo, mas como tal debate abrange a historiografia dos Perestrellos, importa registar que Fernando Branco, Professor do Instituto Superior Técnico, membro honorário da Academia Portuguesa da História, refuta neste ponto Luís Filipe Thomaz: «Recorda-se no entanto que apesar da pequena nobreza defendida por LT para Filipa Moniz, esta era “comendadora” da ordem de Santiago cujo mestre, D. João II devia autorizar seu casamento. Filipa Moniz era ainda tia do Mordomo-mor de D. João II, D. Pedro de Noronha, pai do D. Martinho de Noronha que foi buscar o Almirante ao Restelo na sua chegada da 1ª viagem às Índias. Era também tia da Marquesa de Montemor, da Condessa de Abrantes e da Condessa de Penamancor, ou seja um ambiente familiar que não estaria muito ligado ao casamento com plebeus (M. Rosa12)» (BRANCO, 03-06-2017, «Discussão do artigo “Cristóvão Colón: português, natural de Cuba, agente secreto de D. João II?” de Luís Filipe F. R. Thomaz»).

²⁰ *Treslado do aluara per que El Rei Dom João houue por bem que a molher e noras do Capitam da jlha do Porto Santo Bertolameu Pallestrello se podessem chamar de Dom*, datado de 06-11-1522, ABM, Câmara Municipal do Funchal, Registo Geral, lv. 1212 (“Tombo Velho”), fls. 84-84v.º.

²¹ Um dos tesouros do Arquivo Nacional da Torre Tombo, o *Livro da nobreza e da perfeiçam das armas dos reis cristãos e nobres linhagens do reino e senhorios de Portugal* tinha a cota antiga Casa Forte 164 e tem atualmente a cota Casa Real, Cartório da Nobreza, lv. 20.

«Pure conosciuto come *Livro da Torre do Tombo* [...] su incarico del re Dom Manuel fu miniato da Antonio Godinho fra il 1521 e il 1541, affinché che completasse il *Livro do Armeiro Mor* di João Rodrigues e António Rodrigues, che presentava varie lacune. In questo testimonianza si può ravvisare come le sei rose di rosso non siano accostate alla banda azzurra, ma caricate sulla stessa, come se l'autore non avesse avuto sotto gli occhi un disegno o modelo, ma si fosse basato su una descrizione»²².

Como tantos fidalgos portugueses, os Perestrellos lançaram-se no grande empreendimento dos Descobrimentos: «una volta insediatisi nell'Extremadura portoghese, i Perestrello da guerrieri si trasformarono in valorosi marinai che nell'epopea oceanica lusitana raggiunsero le Indie, la Malacca, la Cina»²³. Bartolomeu Perestrello, filho de Filippo Pallastrello e de Catarina Visconti, acompanhou João Gonçalves Zargo e Tristão Vaz Teixeira logo na primeira viagem ao Porto Santo:

«É o que nos afirma Zurara, na sua "Crónica da Guiné". "E tornando dali (*da ilha do Porto Santo, no inverno de 1418*) para o Reino, *lemos na dita Crónica*, falaram sobrello ao Infante, contando-lhe a bondade da terra e o desejo que tinham àcerca da sua povoação; de que ao Infante muito prouve, ordenando logo como podessem haver as coisas que lhe cumpriam para se tornarem à dita ilha. E andando assim neste trabalho de se encaminharem para partir se ajuntou a sua companhia Bartolomeu Perestrello, um fidalgo que era da Casa do Infante D. João; os quais tendo todas as coisas prestes, partiram para viagem da dita ilha"»²⁴.

Também os sobrinhos de Bartolomeu Perestrello acolheram o apelo do mar e da viagem: João Lopes Perestrello, servidor da toalha de D. João II, fez a carreira da Índia com Vasco da Gama; Bartolomeu Perestrello foi feitor de Malaca e Rafael Perestrello aí combateu às ordens de Afonso Albuquerque, sendo o primeiro português a alcançar a China ao desembarcar em Cantão em 1516-1517. João Lopes Perestrello e Rafael Perestrello capitanearam respetivamente as naus *Fradeza* e *La Rosa*, cujas miniaturas constam do *Livro das Armadas* conservado na Academia das Ciências de Lisboa. Nunziatella Alessandrini abalançou-se a «traçar o percurso desta família no Império português do século XVI, de maneira a sistematizar a documentação já publicada, completada com documentação inédita», embora admitindo que

«escrever sobre a família Perestrello afigura-se complicado por diversas razões. A falta de estudos organizados sobre o assunto, assim como a vastidão de informações dispersas na documentação portuguesa e nos inúmeros trabalhos produzidos sobre esta família, a extensão territorial para onde os Perestrello se deslocaram e os frequentes casos de homonímia dificultam o trabalho»²⁵.

²² REINA, 2017, «Lo stemma dei Perestrello e alcune importante testimonianze artistiche».

²³ REINA, 2017, «Lo stemma dei Perestrello e alcune importante testimonianze artistiche».

²⁴ FERREIRA, [1959], *O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante*, p. 61.

²⁵ ALESSANDRINI, 2012, «Os Perestrello: uma família de Piacenza no Império Português (século XVI)», p. 81.

Tais dificuldades e desafios estimularam Luisa D'Arienzo a desenvolver uma investigação sistemática

«nei principali archivi e biblioteche portoghesi, spagnoli e italiani per la stesura dell'opera su *La presenza degli italiani in Portogallo al tempo di Colombo*, realizzata per la *Nuova Raccolta Colombiana* nell'ambito delle celebrazioni per il quinto centenario della scoperta dell'America. In mérito alle fonti utili per il nostro tema, gli archivi italiani si sono rivelati d'interesse solo per inquadrare la famiglia in epoca precedente al suo trasferimento in Portogallo [...] Fra gli archivi di Lisbona vanno segnalati, per importanza, l'Arquivo Nacional da Torre do Tombo, com i preziosi fondi della Chancelaria, del Corpo Cronológico e della Leitura Nova, e l'Arquivo Histórico da Camara Municipal de Lisboa, dove si trovano notizie, a vario titolo, su diversi esponenti della famiglia. Fra le piu celebri raccolte di fonti, largamente basate sui citati archivi, vanno ricordati i monumentali *Descobrimientos Portugueses*, curati da Silva Marques, e i *Monumenta Henricina*, in 15 volumi, realizzate per celebrare il quinto centenario della morte dell'infante Enrico. Bisogna poi aggiungere le fonti chronachistiche, come la *Cronica de Guine* di Zurara, l'*Asia* di João de Barros e anche l'utile opera di Gaspar Frutuoso, un cronista nato nel 1522 a Ponta Delgada, nelle Azzorre, che scrisse *Saudades da Terra* [...] Il secondo volume è dedicato [...] al grupo di Madera ed è d'interesse per il tema di cui trattiamo [...] non vanno dimenticati per importanza anche gli archivi di Siviglia, specie quelli dei "Protocolli" e "Municipale", dove si possono seguire le vicende dei Moniz Perestrello, esponenti del ramo familiare di Felipa, moglie di Colombo, figlia di Bartolomeo I e della sua terza moglie Isabella Moniz, che seguirono il navigatore in Andalusia in torno al 1485 e unirono i propri destini a quelli dell genovese e di suo figlio Diego, dapprima a Siviglia, poi nel Nuovo Mondo»²⁶.

Esta autora apresenta quadros genealógicos da descendência: de Filipe Perestrello e Catarina Visconti, ascendentes dos Perestrellos portugueses; de Bartolomeu Perestrello, primeiro capitão do Porto Santo e sogro de Cristóvão Colombo, e ainda do terceiro capitão, Bartolomeu Perestrello – isto «al fine di sanare i numerosi errori invalsi nella storiografia»²⁷.

1.2. Revisitando a Biografia de Bartolomeu Perestrello

1.2.1. Um Povoador Mal-Amado?

Há perto de 50 anos, um historiador madeirense empreendeu tarefa semelhante à de Luisa d'Arienzo, analisando documentos coevos, confrontando datas e narrativas, para desfazer equívocos históricos relacionados com Bartolomeu Perestrello. N'O *Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante*, o P.^e Pita Ferreira cuida de «relembrar

²⁶ D'ARIENZO, 2007, «La famiglia di Bartolomeo Perestrello, suocero di Colombo», p. 649.

²⁷ D'ARIENZO, 2007, «La famiglia di Bartolomeo Perestrello, suocero di Colombo», p. 649.

a vida e ação»²⁸ do povoador: contrariando «todos os genealogistas e escritores madeirenses, que escreveram sobre D. Isabel Moniz, desde Nicolau Florentino aos contemporâneos P.^e Fernando Augusto da Silva, Coronel Artur Sarmento, Major Reis Gomes e P.^e Eduardo da Conceição Nunes Pereira»²⁹, confirma que a sua terceira mulher era filha de «Gil Aires e sua esposa Leonor Moniz como defendeu o Dr. Manuel Gregório Pestana Júnior»³⁰. Refuta a afirmação de Jerónimo Dias Leite de que Perestrelo viera para o Porto Santo «debaixo da bandeira do dito João Gonçalves Zargo», observando que «Zargo não era nobre, por isso El-Rei não lhe subordinaria Perestrelo, que era fidalgo»³¹. Destacando o protagonismo de D. João I enquanto proprietário do Porto Santo e autor moral do povoamento insular, nega a miséria de Perestrelo, propalada em razão das «exageradas proporções que, desde Zurara foram dadas à praga dos coelhos»: «Perestrelo não gastou o dote das esposas nem caiu na miséria por causa do povoamento do Porto Santo, porque de 1420 a 1446 não foi Capitão da ilha mas apenas um feitor ou regedor de El-Rei, nos primeiros cinco anos, e do Infante D. Henrique até lhe ser concedida a capitania, no dia 1 de novembro de 1446»³². Realça a iniciativa de Perestrelo, citando a carta de venda da capitania do Porto Santo a Pedro Correia: «Eu o Infante D. Henrique, *lemos no dito documento*, faço saber a quantos esta minha carta for mostrada que Bartolomeu Perestrelo, que Deus perdoe, sendo vivo me pediu por mercê, que porquanto seu desejo e vontade era povoar a minha ilha do Porto Santo de que até então não tinha a algum dado carregamento nem capitania dela, e a mim prouve de lhe fazer mercê da Capitania dela...»³³. Transcreve a carta de doação de 1446³⁴, em que o Infante além de estabelecer o modo de sucessão na capitania – «dou cargo a Bartolomeu Perestrelo, fidalgo da minha Casa, da minha ilha do Porto Santo, para que ele dito Bartolomeu Perestrelo a mantenha por mim em justiça e direito e morrendo ele a mim praz que seu filho primeiro ou algum se tal for tenha este cargo pela guisa suso dita e assim de descendente em descendente em linha reta» –, também declara o motivo da doação: «fiz esta mercê ao dito Bartolomeu Perestrelo por ele ser o primeiro que por meu mandado a dita ilha povoou e por outros muitos serviços que me fez»³⁵.

²⁸ FERREIRA, [1959], *O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante*, p. 55.

²⁹ FERREIRA, [1959], *O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante*, p. 57.

³⁰ FERREIRA, [1959], *O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante*, p. 60.

³¹ FERREIRA, [1959], *O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante*, respetivamente p. 62 e p. 63.

³² FERREIRA, [1959], *O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante*, p. 66.

³³ Cit. por FERREIRA, [1959], *O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante*, p. 76.

³⁴ Publicada por MARQUES, 1944, *Descobrimientos Portugueses. Documentos para a sua História*, vol. 1 (1147-1460), pp. 449, 450, doc. 353.

³⁵ Cit. por FERREIRA, [1959], *O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante*, respetivamente p. 77 e p. 78.

Não existe suporte documental para a alegação do escritor Nicolau Florentino, que identificara como irmãos do primeiro capitão do Porto Santo duas amantes do arcebispo de Lisboa D. Pedro de Noronha, Isabel e Branca, a cujo mau proceder atribuía a concessão da capitania a seu irmão Bartolomeu:

«Documenti autentici attestano, invece, che il prelado ebbe sì due amanti, ma la prima era una *mulher solteira* e non fu monaca di Odivelas, come lo era la Perestrello; circa la seconda, il suo cognome era Dias e non ebbe alcun rapporto con la famiglia Perestrello. Si è, in oltre, potuto accertare che in quel nucleo familiare non è mai esistita una Bianca Perestrello [...] L'incredibile errore genealogico aveva portato alcuni autori, come il Vignaud, seguito poi dal Ballesteros, ad affermare che Bartolomeo avrebbe avuto la capitania grazie all'appoggio del vescovo Noronha e al comportamento poco onesto delle sue sorelle [...] Giudizio assai inopportuno, che lo studio dei documenti originali ci autorizza a relegare fra gli errori»³⁶.

Se o relato de Alvise Cadamosto³⁷ atesta a relativa prosperidade atingida pela capitania de Perestrelo em 1455 e abona as qualidades de administrador do capitão, o depoimento do autor anónimo de certo manuscrito seiscentista descoberto no arquivo da Família Torre Bela revela a razão do regresso de Perestrelo ao Reino, pouco tempo depois do primeiro desembarque, bem como a lembrança idílica que perdurou entre os portosantenses de uma ilha de *pão e mel*, mau grado a praga dos coelhos:

«foi descuberta a jlha do Porto Samto primeiro tres anos do que a ilha da Madeira por mandado dos infantes de Purtugal e ja hera axada dos espanhoes que nela abitauam e nam a pauouam por a comquista ser do Reino de Purtugal e nam de Espanha e os espanhois hiam a esta jlha a fazer o sangue dos dragos que hauia muito grande aruoredos deles faziam muita camtidade dele [...] e dahi o leuauam pera muitas partes do mundo a uemder e os descubridores da tera se foram a ho Reino ha dar comta aos emfantes e leuaram tera e sangue dos dragos e ramos deles [e] ramos de zimbreiros que por antre os dragos hauia muitos e grandes [...] e uemdo os emfantes os sinais da tera com breuidade tornaram a mamdar os descubridores com mais outra gemte com h[o] nesesario e trouxeram uaquas e porquos e hoouelhas e perdizes coelhos pardos e amarelos e pretos [...] foi tamta a criasam que os coelhos pardos fizeram na tera que os moradores estiueram em conselho de se tornarem pera ho Reino dizemdo que aquilo hera pragua e nam coelhos mas com ho fauor de Deus comesaram a samear pam e pramtar figeiras uinhas amoreiras romeiras e fazer ortalisas e melois e muita fruta muita casa muito pescado e marisquo de toda a sorte e muito gado de toda a sorte em abumdamsia que em nehuma parte do mundo podia ser mais e pela beira mar hera huma grande alegria de aruores de fruto asim de figeiras como de amoreiras e uinhas [e] espinheiros que tapauam tudo isto»³⁸.

³⁶ D'ARIENZO, 2007, «La famiglia di Bartolomeo Perestrello, suocero di Colombo», pp. 651 e 652.

³⁷ Cit. por FERREIRA, [1959], *O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante*, pp. 79-80.

³⁸ PAREDES, 2005, *Sonho da Ilha Afortunada e memórias de tempos difíceis: documentos históricos da ilha do Porto Santo*, pp. 72-73.

Não obstante, o 1.º capitão não se demorava na capitania: «le fonte lasciano intendere che egli non amassi risiedervi per lunghi periodi, e tanto meno sua moglie Isabella. Così, i soggiorni a Porto Santo dovettero essere saltuari»³⁹, observação que coincide com a intuição que já tivera o P.º Pita Ferreira:

«atendendo à sua categoria de fidalgo, a ter casado três vezes no Reino, – o que nos dá a impressão de que lá vivia, – ao facto do Porto Santo ter sido aproveitado pelo Senhor Infante mais para pastagem do que para terreno de sementeira, é de crer que que o feitor não tivesse fixado residência na ilha, mas que a visitasse todos os anos e nela passasse alguns meses ou dias. Depois de criada a capitania, certamente fixou residência com sua família, na Vila Baleira»⁴⁰.

Para não fugir ao tema deste artigo, que é a linha dos Betencourt Perestrelo de Vasconcelos, não trataremos aqui dos restantes capitães do Porto Santo. Apenas, para melhor situar o 7.º capitão do Porto Santo, instituidor do vínculo que sustentou o ramo familiar que nos ocupa, parece pertinente salientar que com o 6.º capitão Diogo Taveira Perestrelo Bisforte findou um primeiro ciclo na história da defesa da ilha: a crise dinástica provocada pelo desaparecimento de D. Sebastião em Alcácer Quibir favoreceu o incremento do curso contra as possessões e a navegação portuguesas, ao mesmo tempo que a nomeação de governadores gerais (1581) reduzia os capitães «a uma situação muito subalterna e quase meramente honorífica» embora conservassem as rendas correspondentes aos seus primitivos privilégios⁴¹.

1.2.2. Cristóvão Colombo, Esposo de Filipa Moniz Perestrelo

O vivo e continuado interesse por Bartolomeu Perestrelo prende-se não só com a sua participação na vida da colónia italiana em Portugal e na Expansão atlântica ideada e promovida pela Coroa Portuguesa, mas também com a sua ligação ao descobridor da América, que o primeiro capitão do Porto Santo não conheceu por ter falecido em 1457 – data «dada como certa»⁴²; Luisa D'Arienzo, que reconstituiu a genealogia dos Perestrelos portugueses com base em documentos fidedignos, situa o nascimento de Bartolomeu Perestrelo cerca de 1400 e a sua morte antes de 1458, subscrevendo neste ponto a opinião geral fundada na carta de venda, em 17 de maio desse ano, da capitania do Porto Santo a Pedro Correia, documento em que o rei alude ao que «Bartolomeu Perestrelo, a quem Deus perdoe, sendo vivo, me pediu por

³⁹ D'ARIENZO, 2007, «La famiglia di Bartolomeo Perestrello, suocero di Colombo», p. 653.

⁴⁰ FERREIRA, [1959], *O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante*, p. 79.

⁴¹ SILVA, 1998, «Porto Santo (Capitania do)», p. 116.

⁴² FERREIRA, [1959], *O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante*, p. 80, n. 55.

mercê»⁴³. Filipa Moniz Perestrello, «secondogenita di Bartolomeo I e di Isabella Moniz, nacque in torno al 1454 e sposò Cristoforo Colombo tra il 1479 e il 1480, dando presto alla luce il loro unico figlio Diego»⁴⁴, criança que seu avô Bartolomeu não conheceu.

Foi um casamento de amor, segundo Don Fernando Colombo, filho e cronista do Almirante das Índias: «Gentildonna Filippa Mogniz, di nobil sangue: Cavalliera nel Monastero d’ogni Santi, dove l’Amiraglio usava d’andare a messa, prese tanta pratica, ed amicitia com lui, che divenne Sua Moglie»⁴⁵; os cônjuges terão sido felizes,

«come lasciano intendere gli accorati ricordi di Colombo in due lettere del 1493 e del 1500 quando, nel rivendicare adeguate ricompense dai Re Cattolici per la sua grande impresa, ricordò che, per andare al servizio della Corona, aveva sopportato molti disagi economici e morali, tra i quali l’aver lasciato la moglie e i figli che non avrebbe più visto. Il matrimonio fu, comunque, breve perché Colombo lasciò il Portogallo per la Spagna in modo precipitoso tra il 1484 e il 1485»⁴⁶.

Filipa teve Diogo, único filho legítimo de Colombo, que foi como seu pai navegador, almirante e vice-rei das Índias, tendo nascido no Porto Santo cerca de 1480: «O testemunho de Bartolomé de las Casas sobre este feito é claro: “asi que fuese a vivir Cristóbal Colón a la dicha isla de Puerto Santo, donde engendró al dicho su primogénito heredero, D. Diego Colón”»⁴⁷.

Por via do casamento com Filipa Moniz, Colombo consolidou o seu estatuto na corte e especialmente no círculo dos familiares da Casa de Bragança – o que não lhe trouxe só vantagens. Seu sogro Bartolomeu Perestrello, fidalgo cavaleiro da Casa do Infante,

«era, dunque, un personaggio d’alto rango, che godette di prestigio personale, tanto da partecipare ai Parlamenti del regno, in rappresentanza dei duchi di Bragança, quando furono convocati a Lisbona nel 1439 per conferire a dom Pedro, duca di Coimbra, la nomina di reggente del regno, fino alla Maggiore età dell’infante Alfonso, legittimo erede all trono, futuro re dom Alfonso V (*Monumenta Henricina*, VII, doc. 15, pp. 18-23). Questo stretto legame dei Perestrello con la potente famiglia Bragança ci aiuta a comprendere le motivazioni che dovettero spingere Colombo, nel 1484-1485, a fuggire furtivamente dal Portogallo, quando, a causa del suo matrimonio con Felipa, poté risultare coinvolto nella congiura ordita dai duchi contro il re dom João II»⁴⁸.

Neste contexto político, tal ligação perigosa pode explicar a omissão do nome de Filipa Moniz, notada por Nunziatella Alessandrini em fontes importantes:

⁴³ Publ. in FERREIRA, [1959], *O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante*, pp. 81-84.

⁴⁴ D’ARIENZO, 2007, «La famiglia di Bartolomeo Perestrello, suocero di Colombo», p. 657.

⁴⁵ Cit. por ALESSANDRINI, 2012, «Os Perestrello: uma família de Piacenza no Império Português (século XVI)», p. 95.

⁴⁶ D’ARIENZO, 2007, «La famiglia di Bartolomeo Perestrello, suocero di Colombo», pp. 657-658.

⁴⁷ VIEIRA, 2016, «Colombo, Cristóvão».

⁴⁸ D’ARIENZO, 2007, «La famiglia di Bartolomeo Perestrello, suocero di Colombo», p. 653.

«João Perestrello, guardião-mor da quinta do Hespanhol, afirma que o nome da esposa de Cristóvão Colombo não aparece em nenhum documento do arquivo de família nem em Portugal nem em Itália [...] a mesma falta ocorre no testamento do filho do casal, Diego Colón Moniz, redigido a 16 de Março de 1509. Nascido em 1480, Diego Colón Muniz menciona a mãe exclusivamente como Filipa Moniz e nunca nomeia os avós paternos e maternos. No mesmo testamento, D. Diego menciona as irmãs da mãe Filipa Moniz, Violante Muniz, esposa de Miguel Molyart, Briolaja Moniz e a condessa Banaamar que Diego chama “tias”»⁴⁹.

Parece que Colombo terá mantido uma convivência bastante próxima com a família de sua mulher, que terá hospedado o jovem casal em casas alugadas por D. João I a Bartolomeu Perestrello, em 1431, na Rua Nova dos Mercadores de Lisboa – centro comercial e urbano bastante atrativo para a dinâmica colónia italiana:

«È assai probabile che Colombo vi abbia vissuto per qualche tempo insieme con sua moglie Felipa, se prestiamo fede a quanto dissero i biografi del navigatore, Las Casas e don Fernando, i quali, nel parlare delle nozze, riferirono che il genovese, essendo già morto Bartolomeo Perestrello, andò a stare da sua suocera»⁵⁰.

Colombo terá deixado Portugal em 1484 ou 1485, possivelmente para escapar ao castigo fulminado contra os Bragança e seus simpatizantes:

«il coinvolgimento di Colombo nelle repressioni poste in atto dal re *dom* João II contro i congiurati si può desumere dal fatto che la fuga del genovese e dei familiari di sua moglie dal Portogallo, come sua cognata Violante, si colloca nella stessa época in cui trovarono refugio a Siviglia anche diversi esponenti della famiglia Bragança, scampati alle esecuzioni insieme e ai loro familiari. Si tratta in particolare di tre fratelli di *dom* Fernando III duca di Bragança, il quale era stato decollato a Évora nel 1483 [...] *dom* João marchese de Montemor o Novo e sua moglie Isabel, marchesa de Portugal; *dom* Alfonso, conte di Faro, Odemira e Aveiro; *dom* Alvaro de Portugal e sua moglie Felipa de Melo. I tre nobili portoghesi, con le loro consorti, ebbero posizioni di prestigio nel regno castigliano e mantennero relazioni con Colombo e com i suoi familiari»⁵¹.

Tendo Filipa Moniz entretanto falecido, Colombo confiou o filho Diego a sua cunhada Violante ou Briolanja, uma desses exilados portugueses:

«Tra i portoghesi che in Andalusia risultano vicini a Colombo deve essere ricordata, in primo luogo, sua cognata Violante Moniz Perestrello, alla quale il navigatore affidò il piccolo Diego nel 1491, quando la donna già risiedeva a Huelva com su marito Miguel Moliart»⁵².

⁴⁹ ALESSANDRINI, 2012, «Os Perestrello: uma família de Piacenza no Império Português (século XVI)», pp. 93-94.

⁵⁰ D'ARIENZO, 2007, «La famiglia di Bartolomeo Perestrello, suocero di Colombo», p. 654.

⁵¹ D'ARIENZO, 2007, «La famiglia di Bartolomeo Perestrello, suocero di Colombo», p. 659.

⁵² D'ARIENZO, 2007, «La famiglia di Bartolomeo Perestrello, suocero di Colombo», p. 661.

Reportando-se ao segundo testamento de Diego (1523), D'Arienzo destaca ainda que Filipa Moniz foi sepultada no jazigo familiar dos Moniz, na capela de Nossa Senhora do Pranto ou da Piedade na igreja do Carmo, fundada pelo Santo Condestável. Note-se, a propósito, que Anselmo Braamcamp Freire, ao comentar as armas dos Febos Moniz, representadas entre as das principais famílias da nobreza portuguesa no Paço Real de Sintra, trata dos Monizes Perestrellos, defendendo que Diego Colón teria nascido em Lisboa e não no Porto Santo e citando o passo do testamento de D. Diego em que el se refere à sepultura de sua mãe no mosteiro do Carmo; trata também de Violante e Miguel Moliart⁵³. Àcerca da investigação que desenvolvera a respeito da família de Filipa, pode ler-se, no Prólogo da 2.ª edição dos *Brasões da Sala de Sintra*, o seguinte desabafo do autor:

«Fica-me uma grande saudade de não poder terminar esta segunda edição dos *Brasões*. Mas Deus assim o quis! São inúmeros os apontamentos de novos documentos para ilustração da obra. O leitor bem o alcança, comparando o que fica escrito na primeira edição e o desenvolvimento dado à matéria na segunda edição. Lastimo ficarem perdidos todos os apontamentos àcerca da capela dos Monises na igreja do Carmo de Lisboa. Foram coligidos a pretexto do casamento de Felipa Monis com Cristóvão Colombo. Anexos a eles em apêndice ou em nota iria uma grande colecção de documentos relativos aos Perestrellos. Mas tudo isto lá fica perdido»⁵⁴.

Com base nos relatos de Las Casas e Fernando Colombo, Luisa D'Arienzo admite que terá tido influência determinante na carreira do navegador seu cunhado Pedro Correia, marido de Iseu Perestrello, ele próprio navegador experiente:

«il Correia dovette essere un buon amico di Colombo e poté essere lui, piuttosto che un esponente della famiglia Perestrello oppure le carte lasciate da Bartolomeo I, a fornire al genovese utili informazioni e una competente guida nel concepimento della sua impresa»⁵⁵.

No âmbito de um projeto de investigação sobre as coleções artísticas de famílias italianas em Portugal, Gabriele Reina dá a conhecer um singularíssimo vestígio da ligação entre os Perestrellos e Colombo: um relicário de prata dourada do século XVI contendo uma imagem de coral da Virgem,

«uno dei più preziosi tesori di famiglia della famiglia Perestrello. È appartenuto per secoli al ramo dei Perestrello di Madeira. Secondo la tradizione familiare la statuetta della Vergine era portata al collo da Cristoforo Colombo durante i suoi viaggi oceanici. È appartenuto sino al 1991 alla famiglia Perestrello di Madeira»⁵⁶.

⁵³ FREIRE, 1930, *Livro terceiro dos Brasões da Sala de Sintra*, pp. 55-63.

⁵⁴ FREIRE, 1930, *Livro terceiro dos Brasões da Sala de Sintra*, p. XIV.

⁵⁵ D'ARIENZO, 2007, «La famiglia di Bartolomeo Perestrello, suocero di Colombo», p. 655.

⁵⁶ REINA, 2017, «Lo stemma dei Perestrello e alcune importanti testimonianze artistiche».

1.3. Exemplificando o Atrativo e os Riscos da Genealogia: Alguns Destaques no Mundo de Parentescos dos Betencourt Perestrelo de Vasconcelos

A história dos Betencourt Perestrelo de Vasconcelos, como a de todas as famílias, perde-se na noite dos tempos. Disse Almada Negreiros que «nós todos, inclusive os expostos, temos as nossas árvores genealógicas do mesmo tamanho»⁵⁷; com paixão de criativo pela infinita variedade da Criação, intuiu que a diferença entre essas “árvores” está no mistério da origem e do destino de famílias e indivíduos – porque estes vivendo escrevem a história, geram “ramos” e “troncos”, “árvores” sempre mais frondosas e novas “árvores”:

«lá no tamanho das árvores somos todos iguais. Mas é precisamente nas árvores que está a nossa diferença. Vê-se perfeitamente que a cada uma aconteceu qualquer coisa que não se passou com mais ninguém. E aconteceu-nos antes ainda de nós termos nascido. É a árvore genealógica, o mistério que se espelha só em cada um de nós! O verdadeiro mistério humano que ultrapassa a sociedade, a ciência, que respira apenas ar de Arte e de Religião!»⁵⁸.

Nesse mistério que compõe a substância da História, a densidade do tempo que passa, reside o interesse da Genealogia: perante o rol inumerável dos seus maiores, cada pessoa descobre-se a si mesma como passado e como potencial – olhando para o passado familiar, pode escolher o(s) antepassado(s) que quer seguir, e o ascendente que quer ser para as gerações futuras. Enquanto modo de registo e organização de factos passados, o estudo da origem e da filiação das famílias atrai curiosidade generalizada, porque o mapa das ligações biológicas entre indivíduos e gerações não só mostra caminho(s) percorrido(s) cujo rumo – orientação última, destino final – descobre ao situá-los num panorama amplo, como promove a socialização, alimentando a autoconsciência e o sentido de responsabilidade. Nesta medida, toda a investigação genealógica, necessariamente limitada, nunca é fútil. Por outro lado, não há dúvida que a diferença entre árvores genealógicas está precisamente no grau de «percepção genealógica do real»⁵⁹ de cada família e seus membros:

«a Genealogia nasceu, primeiro oral e depois escrita, quando a Família quis-se outra: também “memória comum” de lugares, edifícios, pessoas, factos e distinções, então pacientemente registados, por vezes documentados, para as gerações que haviam de vir, de modo a permitir o “reconhecimento” dos diversos indivíduos que, síncronica e diacronicamente, se poderiam considerar “parentes”, porque conscientes de um passado comum e portadores

⁵⁷ In *Nome de Guerra*, vol. II, cit. por SERVIÇO EDUCATIVO DO ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA, 2006, *Genealogia e História da Família: caderno pedagógico*, p. [1].

⁵⁸ In *Nome de Guerra*, vol. II, cit. por SERVIÇO EDUCATIVO DO ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA, 2006, *Genealogia e História da Família: caderno pedagógico*, p. [1].

⁵⁹ ROSA, 1995, *O morgadio em Portugal sécs. XIV-XV*, p. 261.

de uma simbologia que se desejava perpetuar. E construiu-se assim uma teia ideológica, hierarquizada, supostamente sobreposta e abrangente»⁶⁰.

1.3.1. O Universo de Parentescos dos Perestrelos segundo o *Nobiliário de Bettencourt Perestrela*

«Bartolomeu Perestrela plantou uma árvore genealógica que se fez bem madeirense, confundindo com as outras as suas ramadas»⁶¹: o *Nobiliário de Bettencourt Perestrela* dá uma ideia da multidão de ascendentes e ligações desta família a outras linhagens, tanto insulares como continentais e estrangeiras, desde tempos remotos, apresentando⁶² árvores da ascendência de Paulo Freire de Noronha, filho do 7.º capitão do Porto Santo e de D. Luísa Agostinha de Noronha, e de seu filho António de Bettencourt Perestrela (fls. 64-162), inserindo-os na geração, nomeadamente, de: D. Fernando, 2.º duque de Bragança; do conde D. Pedro de Meneses, 1.º (ou 2.º?) marquês de Vila Real; D. Álvaro de Castro, 1.º conde de Monsanto; D. Afonso, conde de Gijón e Noronhas nas Astúrias e sua mulher D. Isabel de Portugal, filha bastarda do rei D. Fernando de Portugal; D. Pedro de Meneses, conde de Viana; D. Afonso, filho natural do rei D. João I de Portugal e D. Beatriz Pereira; Gil Vaz da Cunha e Isabel Pereira, filha de Álvaro Gonçalves Pereira, Prior do Crato, e irmã de D. Nuno Álvares Pereira; Filipe Perestrela, senhor de Palencia, que veio trazer a Portugal a rainha Santa Isabel; João Gonçalves Zarco e sua mulher, D. Constança Rodrigues de Almeida e Sá; D. Álvaro de Castro, 1.º conde de Monsanto; João Rodrigues Calaça e D. Ana Ferreira de Castro e Meneses, a viúva do Campo, que pessoas de autoridade diziam ter vindo «furtada ou fugida» para a ilha do Porto Santo onde «se tratava com toda a ostentação», sendo filha de D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, senhor de Montemor o Velho, Aveiro e outras terras, filho bastardo de D. João II de Portugal e D. Ana de Mendonça; D. Joana de Lencastre, marquesa de Fontes; Diogo Vaz Bettencourt e Isabel Afonso; Diogo Bisforte Perestrela e D. Maria da Câmara, Gaspar Homem d'El-Rei e Filipa da Câmara; Diogo Bettencourt Favila e D. Joana de Abreu; Fernão Favila de Vasconcelos e D. Francisca de Bettencourt, Álvaro Vaz e D. Maria de Bettencourt, D. Maria de Sousa e seu marido D. Carlos José de Ligne, filho do príncipe de Ligne, senescal do Hainaut (inclui árvores da ascendência de D. Catarina de Moura e seu marido Manuel de Andrade Catanho, a fls. 103-104, bem como de D. Ângela de Sousa e Aragão e seu marido Paulo Freire de Noronha, a fls. 105-106); resumo da sucessão na donataria do Porto Santo, extraída da carta

⁶⁰ MELLO, s.d., «Memória genealógica de Perestrellos Favillas Vieiras», p. 2.

⁶¹ CLODE, 1952, *Registo genealógico de famílias que passaram à Madeira*, p. 252.

⁶² ABM, Família Bettencourt Perestrela de Vasconcelos (FBPV), lv. 3.

de confirmação da mercê feita da capitania e governo do Porto Santo a Diogo de Bettencourt Perestrelo; árvores da descendência da Viúva do Campo, Ana Ferreira de Castro e Menezes (fls. 163-166); árvore da descendência de Diogo Soares Perestrelo, governador do Porto Santo, filho mais velho de Garcia Perestrelo, e sua mulher D. Joana de Castro, filha da Viúva do Campo e de João Rodrigues Calaça (fl. 168); árvore da descendência do juiz dos órfãos da vila da Calheta, Gaspar Homem d'El-Rei casado com Filipa da Câmara, filha de Pedro Moniz (fls. 169-170); árvore da descendência de Diogo Bisforte Perestrelo e sua mulher D. Maria da Câmara (fls. 171-172); árvore da descendência de Manuel de Florença e Abreu e Maria Pereira (fl. 174); árvores da descendência de João França e Inês Pires, filha de João Drumond (fls. 175-178); árvore da descendência de Isabel Afonso de Azevedo e Francisco Homem de Gouveia (fls. 179-180); árvores da descendência de António Dias Flamengo e Catarina Gomes, e de Manuel Florença e Abreu e Maria Pereira (fl. 181); "Árvore dos Lomelinos" (fls. 182-184); ascendência de Pedro Nicolau Bettencourt de Freitas, juiz dos resíduos (fls. 185-186); notícia histórica sobre João Esmeraldo, as partilhas entre seus filhos e o morgado do Vale da Bica (fls. 187-191); árvore da descendência de João Esmeraldo, instituidor dos morgados (fl. 192); árvore da descendência de Henrique Fernandes Barros e Clara Luís Maciel (fl. 193).

1.3.2. Um caso de Sucesso da Estratégia Matrimonial dos Perestrelos: A União de D. Francisca da Câmara Perestrelo e de Vitoriano de Betencourt de Vasconcelos (22-11-1617)

A *Árvore da ascendência de José António Betencourt Perestrelo de Vasconcelos Júnior*⁶³ que consta do arquivo familiar ilustra a sua ligação a outra família de povoadores do arquipélago, os Favilas, através de Vitoriano de Betencourt de Vasconcelos: este neto de Fernão Favila de Vasconcelos o Velho, 1.º morgado dos Piornais, casou com D. Francisca da Câmara Perestrelo, herdeira do capitão Diogo de Perestrelo Bisforte – «por cujo casamento entrou o governo e donataria n'esta casa d'os Favillas, por mercê feita a seu filho Diogo de Bettencourt Perestrello»⁶⁴. Esta aliança matrimonial relevantíssima para os Perestrelos foi contraída «em casa do pai da noiva e à noite em 1617.11.22», sendo «testemunhas Manuel Dias de Andrade e Fernão Favilla de

⁶³ ABM, FBPV, cx. 3-49. Verifica-se um lapso neste quadro, cujo autor confunde Francisco Betencourt Perestrelo, filho do 2.º morgado Betencourt Perestrelo e sua mulher Cecília Maria de Moura e Vasconcelos, marido de Inácia Antónia Seixas Sotomaior, com seu sobrinho-neto, o 4.º morgado Francisco Betencourt e Vasconcelos, casado com Francisca Agostinha de França Doria.

⁶⁴ NORONHA, [1948], *Nobiliário de Famílias que passaram a viver a esta ilha da Madeira, depois do seu descobrimento, que foi no ano de 1420*, p. 452.

Vasconcellos (ARM, RP, S. Pedro, L.º # 119, fl. 27v.º)»⁶⁵. Em razão do enlace e atendendo aos seus méritos, Vitoriano, que foi vereador e guarda-mor da saúde na câmara do Funchal, obteve a capitania e governo do Porto Santo com remuneração idêntica à dos anteriores capitães:

«avendo respeito a Vitoriano de bitancor de Vascomçelos estar cazado com dona francisca Soares filha mais velha De Dioguo Taveira Perestrello Vltimo capitão e Donatario que foi da Ilha do porto sancto, e por seu falecimento auer feito Merce desta capitania a Dona francisca soares pera a pessoa que cazasse Com ela sendo benemerita e de meu Comtento, e ComCorrerem estas comdisões na pessoa do dito Vitoriano de Bitancor de Vascomçelos seu marido por fiar da imformação que delle tenho que [em] [ho] que o emcarregar me seruiria bem desejando [tamb]em de Comservar a memoria dos primeiros [pouoa]dores, e descubridores desta jlha de que descende Dona francisca Soares, sua mulher e os [merecim]entos que por esta Via se Repezemntão nella Tendo a tudo Comçideração e ao que Sobre esta matéria ap[resem]tou o procurador De minha Coroa / Hej por bem e me praz de fazer Merçe ao dito Vitoriano de bitancor [d]e Vascomcelos da capitania e governo da jlha do porto sancto assim e da maneira que a tiverão os capitães e gouernadores seus antecessores e lhe pertencer per suas doações com os ordenados com que a seruirão os outros donatarios que antes delle forão de que me fara pleito e omenagem na forma da ordenaçam e Custume destes Reinos»⁶⁶.

Vitoriano de Betencourt logo pediu «lhe mandace passar Carta na Comformidade do dito alvará»⁶⁷, sendo-lhe deferido, «visto seu Requerimento e o dito alvará [...] e as doações de seus antecessores atras tresladadas e a Reposta que em Reção disso deu o doctor thome pinheiro da veigua do meu Comselho e procurador de minha Coroa e carta da jurisdição que no fim de cada hua se relata que a de uzar Na dita ilha»⁶⁸: foi-lhe concedida «a capitania e governo da dita jlha do porto santo assim e da maneira que a tiuerão os capitães e governadores que forão da dita jlha e [...] Com os mesmos ordenados proes e percalsos que lhe diretamente pertencerem», com ordem para tomar posse tendo «primeiro feito della pleito e omenagem» em mãos do soberano⁶⁹.

⁶⁵ MELLO, s.d., «Memória genealógica de Perestrellos Favillas Vieiras», p. 169.

⁶⁶ Teor do alvará régio mandado tresladar em carta em 24-01-1653 a pedido de Diogo Betencourt Perestrello, por onde consta ser nomeado Vitoriano de Bettencourt e Vasconcelos capitão e governador da ilha do Porto Santo, in *Registo da carta de confirmação e mercê feita a Diogo de Bettencourt Perestrello de capitão mór e governador da ilha do Porto Santo*, Funchal, 14-12-1654 (Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), Provedoria e Junta da Real Fazenda do Funchal (PJRFF), Registo Geral da Fazenda e Contos (RGFC), lv. 965-A, fls. 112v.º-113).

⁶⁷ Teor da carta régia mandando dar a Vitoriano de Betencourt de Vasconcelos a posse da capitania em conformidade com o alvará de nomeação, in *Registo da carta de confirmação e mercê feita a Diogo de Bettencourt Perestrello de capitão mór e governador da ilha do Porto Santo*, Funchal, 14-12-1654 (ANTT, PJRFF, RGFC, lv. 965-A, fl. 118v.º).

⁶⁸ ANTT, PJRFF, RGFC, lv. 965-A, fls. 118v.º-119.

⁶⁹ ANTT, PJRFF, RGFC, lv. 965-A, fl. 119.

Um autor contemporâneo, João José de Sousa, questiona a conceção linhagística de Henrique Henriques de Noronha e do autor do *Nobiliário de Bettencourt Perestrelo*, no seu comentário à «quebra de varonia representada por D. Francisca Perestrelo» na sucessão da capitania do Porto Santo: «Não é, portanto exacto afirmar-se que a capitania “entrou” noutra apelido, no caso, Favilas, pelo casamento de D. Francisca Perestrelo com Vitoriano Bettencourt de Vasconcelos Favila. Não era o chefe da linhagem Favila e só desempenhou o cargo provisoriamente»⁷⁰; ora os documentos régios citados, o facto de que Vitoriano exerceu vitaliciamente o cargo, continuando a ocupá-lo mesmo depois da morte de sua mulher⁷¹, não abonam a favor da tese de que «ao capitão Diogo Perestrelo Bisforte sucedeu uma espécie de “interregno” assegurado pelo genro Vitoriano», que exerceu essas funções «provisoriamente» e «pode, assim, ser considerado um “regente” da capitania e não capitão efetivo»⁷².

A união de Vitoriano e D. Francisca assegurou aos Perestrelos a continuidade na posse da capitania: o seu único filho, Diogo Betencourt Perestrelo, sucedeu na capitania e foi tronco de uma geração de Perestrelos Favilas que inclui, entre outros, os subsequentes capitães do Porto Santo e morgados dos Reis Magos (Estreito da Calheta), os morgados Betencourt Perestrelo de Vasconcelos, e ainda os Perestrelos da Câmara, procedentes do enlace da morgada D. Ana Angélica Betencourt Perestrelo da Câmara Homem de Gouveia – descendente de D. Francisca –, com seu primo Gregório Francisco Perestrelo e Câmara – descendente de Gaspar Perestrelo, irmão da dita D. Francisca. Este teria perdido a capitania por emigrar para a Índia com seu irmão Nuno, «por matarem na vila da Calheta a um Pero Velho»⁷³; mas Betencourt Perestrelo narra uma versão diferente desse sangrento episódio, atribuindo a morte de Pedro Velho aos irmãos de Gaspar, Belchior e Baltasar. Àcerca dos outros filhos de Diogo Perestrelo Bisforte, diz que «seu filho Manoel Suares mais uelho que andaua p[ara] [ca]zar na Cidade do funchal, e faleceo [...] O segundo filho Gaspar Perestrello faleceo no estreito da Calleta e foj emterrado na Capella dos reis faleceo de idade de 25 anos»⁷⁴.

⁷⁰ SOUSA, s.d., *Uma árvore de costados dos Perestrelos portugueses: os capitães do Porto Santo*, p. 16.

⁷¹ «Victoriano de Bettencourt e Vasconcellos, filho 2.º de Diogo de Bettencourt Favella, morreu/ em Maio de 1653./ Casou em 22 de Novembro de 1617 com D. Francisca d'a Câmara Perestrello filha Herdeira de Diogo Perestrello Bisforte, Capitão Donatário d'a Ilha do Porto Sancto, e de D. Maria/ d'a Câmara, em titulo de Perestrellos [...] a qual morreu em Março de 1650» (NORONHA, [1948], *Nobiliário de Famílias que passaram a viver a esta ilha da Madeira, depois do seu descobrimento, que foi no ano de 1420*, p. 276).

⁷² SOUSA, s.d., *Uma árvore de costados dos Perestrelos portugueses: os capitães do Porto Santo*, p. 16.

⁷³ NORONHA, [1948], *Nobiliário de Famílias que passaram a viver a esta ilha da Madeira, depois do seu descobrimento, que foi no ano de 1420*, p. 452.

⁷⁴ *Nobiliário de Bettencourt Perestrelo* vol. I, ABM, FBPV, lv. 3, fl. 61.

Noronha e Betencourt Perestrelo concordam em que Gaspar Perestrelo teve um filho ilegítimo, Vicente de Noronha, que casou com D. Branca de Carvalho⁷⁵ e teve geração.

A exemplo de seus pais, Diogo Bettencourt Perestrelo contraiu um casamento decisivo para a sucessão dos Perestrelos na capitania: o anónimo comentador seiscen-tista da crónica de Jerónimo Dias Leite diz que ele

«casou em Lisboa com a Snr^a Dona Luiza Agustinha de Noronha, filha de Manoel Freyre de Noronha, e da Snr^a Dona Clara de Noronha, que ainda hoje em dia viue na Calheta. Ser esta Snr^a Dona Clara de Noronha Prima da Snr^a Dona Mariana de Noronha mulher do Secretario das Merces Gaspar de Faria Severim, foi obrado para El Rei Dom João o 4.º metter na sucessão da Capitania do Porto Santo a Diogo de Bitancur Perestrello, e a favor do casamento com Dona Luiza»⁷⁶.

Este bem-fadado varão

«foy senhor do morgado dos reis magos foy setimo Donatario do Porto Santo fidalgo caualheiro por Aluara de 12 de setembro de 1654 caualheiro professo na ordem de christo por merce de 27 de julho de 1656 tumou pleito e homenagem nas mãos do soberano em 28 de março de 1654 foy recebido na freguezia de santa crus do castello da cidade de lisboa em 21 de Março de 1652 Com Pedro Sanches Farinha Escriuam do Paso com procuração de D. Luiza de Noronha que se achaua recolhida no mesmo Castello filha de Manoel Freire de Noronha e de D. Clara de Souza; neta paterna de Paullo Freire e de D. Anna de Noronha; materna de Francisco Aranha e de D. Clara de Souza»⁷⁷.

A noiva, nascida em setembro de 1635,

«entrou no Castello por prouizão de 3 de Feuereiro de de 1650 [...] foy irmã de Paullo Freire de Noronha cappitam de courasas governador de Sam Thomé Fidalgo Caualeiro Com dous mil reis de moradia caualeiro profeso na ordem de christo», que «abilitou sua pesoa no tribunal da meza da Conciencia na forma dos definitórios no anno de 1659 e se lhe passou carta para tomar o abito em 20 de Feuereiro de 1660 nacendo em janeiro de 1630»⁷⁸.

⁷⁵ ABM, Paróquia do Estreito da Calheta, lv. 1045. fls. 112v.º-113 (cit. por MELLO, s.d., «Memória genealógica de Perestrellos Favillas Vieiras», p. 20).

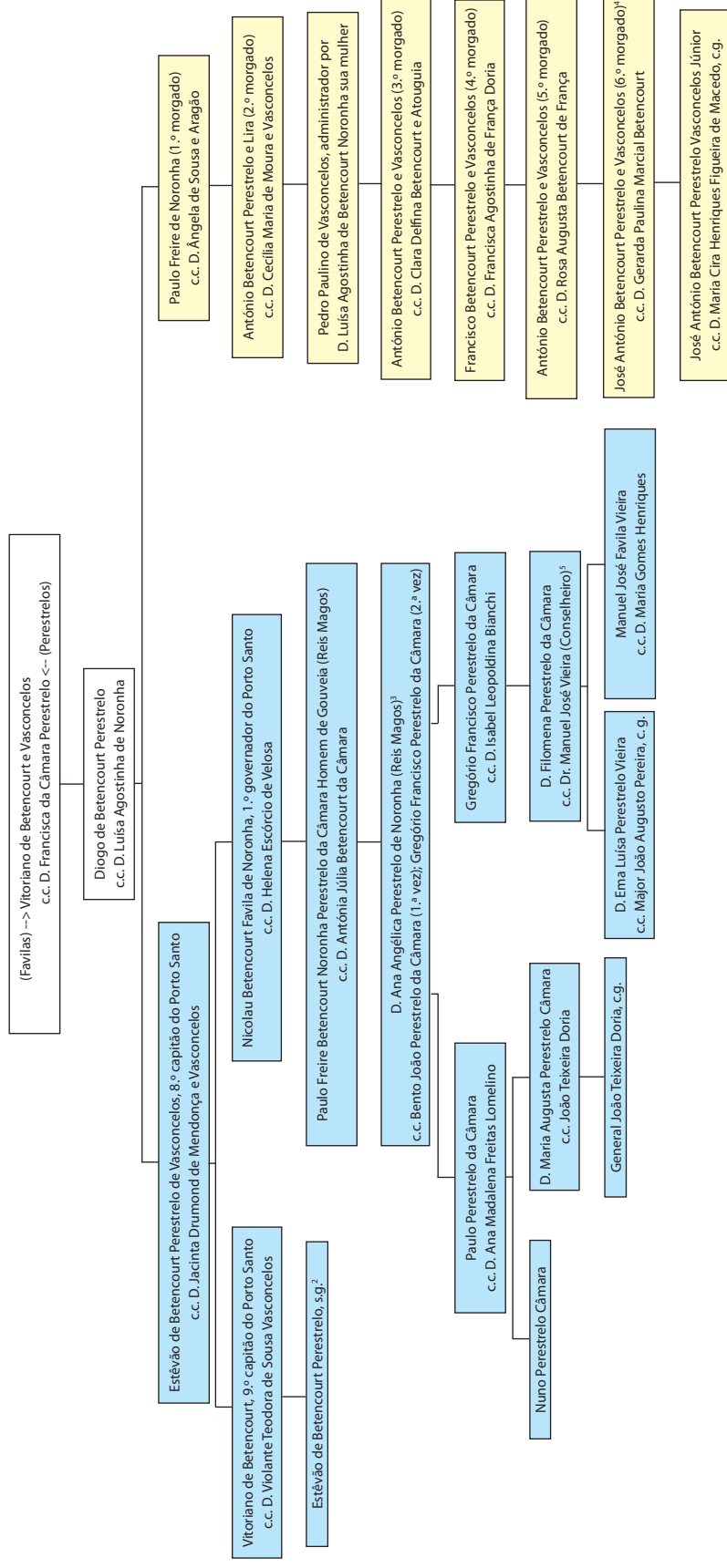
⁷⁶ LEITE, 1947, *Descobrimto da Ilha da Madeira e discurso da vida e feitos dos capitães da dita ilha*, p. 115.

⁷⁷ *Nobiliário de Bettencourt Perestrelo*, vol. I, ABM, FBPV, lv. 1, fl. 69v.º.

⁷⁸ *Nobiliário de Bettencourt Perestrelo*, vol. I, ABM, FBPV, lv. 1, fl. 69v.º.

Os Betencourt Perestrelo de Vasconcelos: Uma Família e o seu Arquivo

Quadro Genealógico n.º 1 – Duas Linhas de Perestrelos Favilas: Os Capitães do Porto Santo, Morgados dos Reis Magos □, e os Morgados Betencourt Perestrelo de Vasconcelos □, Administradores do Vínculo Instituído pelo 7.º Capitão, Diogo de Betencourt Perestrelo, no filho ou filha mais merecedor⁷⁹



⁷⁹ Eram também administradores das capelas de Manuel Florença, o Velho, D. Maria da Estrela, Dr. Cristóvão de Lira e Sousa (mestre-escola da Sé) e D. Joana Maria.

⁸⁰ Passou o morgado dos Reis Magos, no Estreito da Calheta, aos filhos de seu tio Nicolau Betencourt Favila, e a capitania à Coroa. Finda aqui a linha dos capitães.

⁸¹ Última morgada dos Reis Magos, pois faleceu em 11-01-1888 (cf. ABM, Judiciais, cx. 31 26-2), após a abolição dos morgados pela lei de 19-05-1863.

⁸² Último administrador da 3.ª do 7.º capitão do Porto Santo em que sucedeu por morte de seu pai (1859); por sua vez, faleceu em 1916, muito depois da lei de 19-05-1863 que aboliu os vínculos.

⁸³ Herdeiro universal do 8.º e último morgado dos Piornais, António João da Silva Betencourt Favila, com obrigação de adicionar ao nome do filho varão que lhe nascesse o de Favila.

1.3.3. Algumas Figuras e Parentescos em Destaque na Descendência de Bartolomeu Perestrelo nos Séculos XX e XXI

Também na época contemporânea e focando apenas uma pequena parte da descendência de Bartolomeu Perestrelo, observam-se alguns factos dignos de nota. O genealogista Luiz Peter Clode, contemporâneo de José António Betencourt Perestrelo de Vasconcelos Júnior (1887-1957), último membro desta família constante do respetivo arquivo, constatou:

«A varonia dos Perestrelos extinguiu-se no século XIX. Com uma ou mais quebras de varonia, são muitas as linhas atuais de descendência do primeiro Bartolomeu Perestrelo. Por linha feminina, pertenciam a esta família o Capitão Jorge Perestrelo de Velosa Camacho, casado com D. Ermelinda Leite Monteiro Camacho, c.g., e o Dr. Mário Perestrelo do Nascimento; e, actualmente, são seus membros, entre outros: Dr. Fernão Henriques Perestrelo Favila Vieira, casado com D. Dulce Homem de Gouveia Favila Vieira, c.g.; Dr. Alvaro Henriques Perestrelo Favila Vieira, casado com D. Maria Carolina Bianchi Henriques Favila Vieira, c.g.; D. Ema Luiza Perestrelo Vieira Pereira, viuva do capitão João Augusto Pereira, c.g.; D. Berta Luiza Perestrelo Vieira Pereira da Silva, casada com o Dr. Ângelo Augusto da Silva, c.g.; D. Beatriz Filomena Vieira Pereira de Sousa, casada com o Dr. Manuel Cristiano de Sousa, c.g.; D. Fernanda Favila Vieira Figueira, casada com o Dr. Gastão Carlos de Deus Figueira, c.g.; D. Maria Manuela Favila Vieira Santa Clara Gomes, casada com Miguel Santa Clara Gomes, c.g.; D. Maria do Pilar Mimoso Aragão Figueira de Freitas, casada com o Dr. João Figueira de Freitas, c.g.; D. Teresa Mimoso Aragão Klut Henriques, casada com João Klut Henriques, c.g.; D. Maria Vera de Bettencourt Azevedo; Salomão da Veiga França, casado com D. Ariete Figueira Ferraz Veiga França, c.g.; D. Eugénia Perestrelo de Freitas Bettencourt; Dr. Luiz de Sousa e Vasconcelos, casado com D. Adelina Patena»⁸⁴.

De notar que, entre os mencionados por Luiz Peter Clode, estão: Fernão Henriques Perestrelo Favila Vieira, advogado, simpatizante do Integralismo Lusitano, foi vice-presidente da comissão distrital do Funchal da União Nacional e delegado-organizador do Movimento Nacional-Sindicalista na Madeira, integrou e chefiou movimentos políticos e campanhas jornalísticas inspirados nos ideais da Revolução de 18 de maio de 1926; Álvaro Henriques Perestrelo Favila Vieira, também advogado, foi governador civil substituto (1930-1934) e deputado à Assembleia Nacional na I, II, III e IV Legislaturas; Berta Luísa Perestrelo Vieira Pereira da Silva, cuja morte foi objeto de um voto de pesar aprovado por unanimidade em sessão plenária de 6 de fevereiro de 1979, fundou com a colaboração de amigas generosas o “Abrigo de Nossa Senhora de Fátima” – esta obra acarinhada pelo bispo do Funchal D. António Manuel Pereira Ribeiro tinha por objetivos divulgar a Mensagem de Fátima e acolher raparigas

⁸⁴ CLODE, 1952, *Registo genealógico de famílias que passaram à Madeira*, pp. 252-253.

desvalidas, e passou de associação a fundação em virtude do decreto-lei n.º 119/83 e do decreto regulamentar regional n.º 3/84/M aplicando à Madeira o Estatuto das IPSS.

Filho mais velho de Fernão Henriques Perestrelo Favila Vieira e Dulce Homem de Gouveia Favila Vieira, Fernão Manuel Homem de Gouveia Favila Vieira foi embaixador de Portugal em Havana (1989-1993) e em Praga (1993-1995); na sua longa carreira de diplomata, um dos postos mais espinhosos e não obstante mais bem-sucedidos foi em Luanda. Chegou a Angola «em 1979, no rescaldo da independência, e, durante três anos, a sua missão de cônsul-geral consistiu mormente em assistir os presos portugueses, muitos sem culpa formada e torturados. Em 1982, foi por isso agraciado pelo Presidente da República, General Ramalho Eanes, com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique»⁸⁵. Seu irmão Francisco Manuel Homem de Gouveia Favila Vieira, engenheiro civil, trabalhou «para a Direção-Geral da Aeronáutica Civil (DGAC), na Brigada de Aeródromos das Províncias Ultramarinas e no quadro técnico da respetiva Direção do Serviço de Obras», participando em estudos e projetos bem como na fiscalização da construção dos aeroportos de Lisboa, S. Miguel (Açores), Praia, S. Vicente, Maio e Boa Vista (Cabo Verde).«O seu desempenho na fiscalização da construção do primeiro aeroporto do Funchal, em 1964, levou a DGAC a propor a condecoração que então lhe foi atribuída pela Presidência da República Portuguesa: o grau de Oficial da Ordem do Infante D. Henrique»⁸⁶.

Maria Luísa de Betencourt Perestrelo Peramés, descendente direta do último morgado Bettencourt Perestrelo de Vasconcelos, partilha a ligação ao fundador dos Perestrelos insulares com todos os acima referidos e seus descendentes, entre os quais a autora destas linhas; além desta, dois outros arquivistas do Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira – Paula Cristina Freitas Gonçalves e João Nuno Perestrelo Alencastre Gonçalves Freitas – são descendentes do primeiro capitão do Porto Santo; igualmente descendente de Bartolomeu Perestrelo é o atual comandante da Zona Militar da Madeira, Major-General Carlos Perestrelo.

Quanto mais recuados os limites temporais do universo de parentes considerado, melhor se observa a repetição de enlaces entre famílias, e os Perestrelos não fogem à regra. Sem precisar em qual dos dois ramos de Perestrelos continentais descendentes do irmão de Bartolomeu Perestrelo, Rafael (morgados da Ermigeira e morgados da Quinta do Hespagnol), entroncavam os proprietários da Casa da Cioga do Monte em Trouxemil (Coimbra), Gabriele Reina menciona o vetusto brasão partido de Cunhas e Perestrelos encimando o imponente portão dessa Casa:

⁸⁵ VIEIRA, 2016, «Vieira, Fernão Manuel Homem de Gouveia Favila».

⁸⁶ CARMONA, 2016, «Vieira, Francisco Manuel Homem de Gouveia Favila».

«Esta splendida dimora era un morgadio (fedecomesso) ch'è entrò in casa Perestrello in seguito al matrimonio di Francisco Vaz Perestrello, cavaliere dell'Ordine di Cristo, com Catharina Marques de Paiva, prima signora del Morgado di Santo Antonio de Cioga do Monte. (J. Pereira de Sampaio Forjaz Serpa Pimentel, *Noticias biographicas*, 1889, pp. 336-339)»⁸⁷.

Acrescenta, adiante:

«la parentela fra i Vaz, Cunha e Perestrello risale ai tempi di Jeronima Perestrello, da cui Luisa Perestrello, sposata com Francisco Vaz da Cunha, signora del Palazzo de Sub-Ripas a Coimbra nella prima metà dell XVII secolo. Questi era figlio di Francisco Vaz di Coimbra e di Catarina da Cunha, originaria di Obidos (v. M. da Silva Gaio, *Subripas*, in *Arquivo Coimbrão*, VII, 1943)»⁸⁸.

Com séculos e o mar de permeio, o matrimónio da autora destas linhas, a 13 de abril de 1990, com João Carlos Fino Igrejas da Cunha Paredes, atualiza a aliança de Cunhas com Perestrellos (da Madeira, desta feita).

1.4. História dos Morgados Bettencourt Perestrello de Vasconcelos

1.4.1. Instituição do Morgadio

A história dos morgados Bettencourt Perestrello de Vasconcelos tem origem no testamento de Diogo de Bettencourt Perestrello, feito, aprovado e aberto em 1680. Nele, este 7.º capitão instituiu vínculo na terça de seus bens, ficando primeiro a dita terça a sua mulher «para que a pesua e disfrute em sua vida somente»⁸⁹ e, por morte dela,

«a meus dous filhos Dona Bernardina e Paulo Freire a qual partirão pelo meio igoalmente, e dahi por diante nunca mais será partida nem dividida vendida nem alheada ate o fim do Mundo e a cada hum dos dittos meus filhos deixo a metade da ditto Terça com penção de cinco Missas rezadas em cada hum anno para sempre e, e dahi em diante poderão os dittos meus filhos [...] nomearem cada hum delles no filho que mais merecimentos lhe tiverem e

⁸⁷ REINA, 2017, «Lo stemma dei Perestrello e alcune importante testimonianze artistiche».

⁸⁸ REINA, 2017, «Lo stemma dei Perestrello e alcune importante testimonianze artistiche».

⁸⁹ *Pública-forma de traslado em pública-forma datado de 1681-05-29, do testamento do governador e capitão-general da ilha do Porto Santo, Diogo Bettencourt Perestrello, feito e aprovado a 16 de Fevereiro de 1680, e aberto a 17 do mesmo mês e ano, extraído em pública-forma do próprio original incorporado nos autos de inventário dados pela mulher do defunto, D. Luísa Agostinha de Noronha, e apresentado pelo morgado Tristão Joaquim Bettencourt da Câmara, solicitante do traslado e 4.º neto dos referidos Diogo Bettencourt Perestrello e D. Luísa Agostinha de Noronha*, de 1814-03-09, in [Documentos do morgado Tristão Joaquim Bettencourt da Câmara, 4.º neto do governador e capitão general do Porto Santo Diogo Bettencourt Perestrello e de sua mulher D. Luísa Agostinha de Noronha], ABM, FBPV, lv. 5, pp. 1-25; outro traslado, de leitura mais dificultosa, deste testamento que institui o vínculo, encontra-se no importante livro das *Sentenças que alcansou Pedro Paulino de Vasconcellos Como Cabeza de sua mulher Donna Luiza Agostinha de Noronha Betencourt sobre a 3ª que Instetuhio Diogo Bettencourt Perestrello Governador e Cappitam Donatario* (ABM, FBPV, lv. 4).

Ihe forem mais obedientes, de sorte que nunca se attenderá a maioria senão ao que mais merecimento e obediente Ihe for ao Paj ou Maj»⁹⁰.

Diogo de Bettencourt Perestrelo toma medidas para acautelar que se cumpra o seu intento:

«que nunca a ditto Terça seja tomada para pagamento de Dividas nem por outra alguma couza porque de já para então a hei por vinculada para sempre», e que «sendo cazo que algum dos dittos meus filhos primeiros nomeados falessa algum delles sem herdeiro em tal cazo ficará a sua ametade ao que vivo ficar; e falecendo ambos ou algum delles tendo filhos sem nomear, eu desde logo nomeio para a sucessão da dita Terça aquelle que mais merecimentos tiverem [sic] e for mais obediente a seu Pai e a sua Mai sem haver maioria senão merecimentos»⁹¹.

«Homem muito discreto, e muito lido, e muito bemfeitor, e primoroso»⁹², como escreveu em 1686 o comentador anónimo da crónica de Jerónimo Dias Leite, o 7.º capitão do Porto Santo quis um funeral compatível com o seu estatuto:

«meu Corpo será sepultado na Capella Mor da Igreja Matriz desta Ilha do Porto Santo na Sepultura que nella tenho com todo o aparato como Cavaleiro Professo que sou da hordem de Christo. Pesso ao Senhor Provedor e mais Jrmãos da Santa Caza da Misericórdia desta Ilha me acompanhem com a bandeira da Jrmandade e Sua pompa como Jrmão e provedor que fui da ditto Caza // Acompanhar-me há o Reverendo Cabido desta Ilha e todos os mais Clerigos extravagantes que se acharem no tempo de meu falecimento, e Religiosos e a cada hum delles se dará a esmola costumada. Acompanhar me hão todas as cruces que há de todas as confrarias desta Ilha e se dará a cada huma dellas a esmola costumada»⁹³.

Depois do falecimento de sua mãe, que «morreo com testamento aprovado em julho 1706»⁹⁴, e como sua irmã D. Bernardina «morreo solteira»⁹⁵, Paulo Freire de Noronha, fidalgo-cavaleiro e sargento-mor do Porto Santo, foi o beneficiário das disposições de seu pai e o primeiro de sete morgados que administraram o património por ele alocado à sustentação do ramo familiar encarregado de corporizar uma tradição de obediência filial exemplar.

1.4.2. Notícias Biográficas dos Morgados e suas Consortes

O espólio subsistente deste arquivo é ainda importante e variado, de modo que conserva vestígios da vivência quotidiana dos sucessivos administradores da terça

⁹⁰ ABM, FBPV, lv. 5, pp. 16 e 17.

⁹¹ ABM, FBPV, lv. 5, pp. 17-18.

⁹² LEITE, 1947, *Descobrimento da Ilha da Madeira e discurso da vida e feitos dos capitães da dita ilha*, p. 115, nota 21.

⁹³ ABM, FBPV, lv. 5, pp. 4-5.

⁹⁴ *Nobiliário de Bettencourt Perestrelo*, vol. I, ABM, FBPV, lv. 1, fl. 69v.º.

⁹⁵ *Nobiliário de Bettencourt Perestrelo*, vol. I, ABM, FBPV, lv. 1, fl. 69v.º.

de Diogo Betencourt Perestrelo, permitindo documentar momentos da sua intimidade familiar e da sua labuta para conservar e incrementar as propriedades deste e dos outros vínculos que administravam – o de Manuel de Florença o Velho e o de D. Maria da Estrela, as capelas do doutor Cristóvão de Lira e Sousa, mestre-escola da Sé, e de D. Joana Maria. Assim, e também com recurso abundante ao *Nobiliário de Bettencourt Perestrelo*⁹⁶ e a livros paroquiais conservados no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, foi possível elaborar as sínteses biográficas que se seguem.

1.4.2.1. Morgado Paulo Freire de Noronha (1669-1712) e Ângela de Sousa e Aragão (1660-?)

Paulo Freire de Noronha, filho de Diogo de Betencourt Perestrelo e de D. Luísa Agostinha de Noronha, nasceu em 16-11-1669 no Porto Santo, sendo o quinto de sete irmãos: precederam-no Estêvão de Bettencourt de Perestrelo e Vasconcelos, Vitoriano de Betencourt e Vasconcelos, Diogo de Betencourt (s.g.), Manuel da Câmara Bettencourt (s.g); depois dele nasceram D. Clara Maria do Desterro, freira em Santa Clara, e D. Bernardina, solteira. Paulo Freire era neto paterno de Vitoriano de Betencourt e Vasconcelos e D. Francisca Soares de Albergaria, como é designada no *Nobiliário de Bettencourt Perestrelo*, (ou D. Francisca da Câmara Perestrelo, como lhe chama Henrique Henriques de Noronha), filha herdeira do capitão do Porto Santo Diogo de Betencourt Perestrelo Bisforte e de sua mulher D. Maria da Câmara; era neto materno de Manuel Freire de Noronha e de D. Clara de Sousa «“dama d’o Paço” em título de Caldeirões de Portugal»⁹⁷.

Fidalgo cavaleiro por alvará de 12-01-1700, Paulo Freire de Noronha foi sargento-mor do Porto Santo.

Casou na vila da Calheta em 05-06-1689 com Ângela de Sousa e Aragão, irmã do mestre-escola da Sé do Funchal Cristóvão de Lira e Sousa, comissário do Santo Ofício. D. Ângela era filha de Gaspar de Sousa de Lira e de sua mulher Maria do Ó; neta paterna de Pedro Fernandes de Sousa e de sua mulher Ângela Agostinha; neta materna de Manuel Dias de Lira e de sua mulher Mécia Rodrigues do Canto. Fora batizada a 20-1-1660 na Calheta, sendo padrinho o capitão José de Lira e Aragão e madrinha Inês Chaves. Em 5-5-1689, a tia da noiva D. Maria da Estrela fez testamento⁹⁸

⁹⁶ «Título 47 de Favillas», in *Nobiliário de Bettencourt Perestrelo*, vol. I, ABM, FBPV, lv. 1, fls. 65-73v.º.

⁹⁷ NORONHA, [1948], *Nobiliário de Famílias que passaram a viver a esta ilha da Madeira, depois do seu descobrimento, que foi no ano de 1420*, p. 276.

⁹⁸ *Acordo do dote feito a Paulo Freire de Noronha*, ABM, FBPV, cx. 1-2.

a seu favor, dotando-a em previsão do seu casamento. Por ter casado a contento de sua mãe, Paulo Freire de Noronha foi contemplado com a terça que ela herdara de seu marido: em 1689 tomou posse das fazendas do vínculo – a do Engenho e a dos Galegos –, terras de vinha e árvores de fruto no Estreito da Calheta; com a petição solicitando a posse, Paulo Freire apresentou nomeadamente duas cartas, uma de D. Luísa Agostinha congratulando o doutor Cristóvão de Lira e Sousa, pelo casamento de seu filho com a irmã dele, D. Ângela de Lira e Aragão, e outra da dita sua mãe congratulando-o a ele, capitão Paulo Freire, pelo mesmo motivo⁹⁹ – o que bem se compreende, sendo «o Capitão Gaspar de Sousa e Lira, e D. Maria d'Ó e Aragão pessoas de nobre ascendência e muito ricos»¹⁰⁰. Segundo o *Nobiliário de Betencourt Perestrelo*, Paulo Freire de Noronha e sua mulher tiveram: José de Vasconcelos Betencourt; António de Betencourt Perestrelo; D. Clara Agostinha de Santa Rosa, freira em Santa Clara; D. Ângela, que morreu menina.

Este 1.º morgado morreu em outubro de 1712. Deixou sua terça a seu filho António, com pensão de 10 missas.

1.4.2.2. Morgado António Betencourt Perestrelo e Lira (1694-1767) e Cecília Maria de Moura e Vasconcelos (1701-?)

António de Betencourt Perestrelo e Lira, filho mais velho de Paulo Freire de Noronha e de D. Ângela de Sousa e Aragão, sucedeu a seu pai no vínculo de seu avô Diogo de Betencourt Perestrelo. Fidalgo-cavaleiro em 1701, consta como escrivão da Ribeira e despachos por saída na Alfândega do Funchal, em 1718.

Nasceu a 05-06-1694 na Calheta, sendo batizado a 8 ou 9¹⁰¹ de julho de 1694. Casou a 8-10-1718 na Calheta com Maria Cecília de Moura e Vasconcelos, filha de Manuel de Andrade Catanho e de Catarina de Moura e Vasconcelos, nascida na Calheta a 24-04-1701 e batizada a 07-05-1701, neta paterna de Inácio Cabral Catanho e sua mulher D. Leonor de Andrade e materna do capitão Brás Mendes de Sousa, familiar do Santo Ofício, e de sua mulher D. Catarina de Moura.

Em 1718, este 2.º morgado requereu ao juiz ordinário da Calheta, o capitão José de Souto de Mendonça, que recebesse os embargos que tinha às posses de umas fazendas no Estreito da Calheta que pertenciam ao morgado dele requerente (fazendas do Engenho e Cruz, das Gibeiras e das terras do Grilo) e de água da Ribeira do Farrobo,

⁹⁹ *Escritura e autos de posse doadas por D. Luísa Agostinha de Noronha a seu filho Paulo Freire de Noronha*, 1688-1689, ABM, FBPV, cx. 1-1.

¹⁰⁰ NORONHA, [1948], *Nobiliário de Famílias que passaram a viver a esta ilha da Madeira, depois do seu descobrimento, que foi no ano de 1420*, p. 278.

¹⁰¹ O *Nobiliário de Bettencourt Perestrelo*, a fl. 72v.º, regista 8 no texto e 9[?] em nota à margem.

que tomara seu irmão José de Vasconcelos Betencourt «com título surretício ou sem elle»¹⁰², tendo o juiz despachado: «vistos estes autos de embargos de terceiro do embargante que recebo, e mando seia restituído a sua posse e desapençada a inquirição, querendo o embargado vista para contrariar os embargos se lhe de ficando a inquirição em segredo»¹⁰³.

Em 1744 compareceu perante o juiz dos resíduos e provedor das capelas Nicolau Betencourt de Freitas como administrador da capela de seu avô Diogo de Betencourt Perestrelo¹⁰⁴; em 1758, consta como capitão numa quitação que está no processo desta capela¹⁰⁵.

António Betencourt Perestrelo e Lira faleceu a 07-02-1767, com testamento feito e aprovado em 28-9-1764 em que indicava como herdeira de sua terça sua filha Luísa, declarando ser este o seu verdadeiro testamento: «por minha letra faço esta dispozição de minha última uontade reuogando todos os testamentos que antes deste haja feitos porque so quero que ezte ualha»¹⁰⁶. A seus filhos – o Doutor Diogo de Betencourt Perestrelo e Paulo Perestrelo de Noronha (que nomeia por seus testamenteiros, juntamente com sua mulher, Cecília Maria de Moura e Vasconcelos), Luísa de Betencourt Noronha mulher de Pedro Paulino de Vasconcelos, Ângela do Céu, religiosa no convento de Santa Clara, Manuel da Câmara de Noronha (então ausente nas Minas), Francisco Betencourt Perestrelo, João Favila Perestrelo Betencourt (estes dois filhos foram soldados¹⁰⁷), Doutor António Betencourt Perestrelo (“Frei Paulo”, religioso em França) – declara: «a todos lanso a benção de Deos e lhe peso e rogo sejam muito amigos»¹⁰⁸, a todos instituindo por herdeiros, deixando a terça de seus bens móveis e de raiz a sua mulher. Declara ser administrador dos bens e vínculo e capela do mestre-escola da Sé Doutor Cristóvão de Lira e Sousa, dos bens

¹⁰² *Embargos de terSejro com que Veio o Capitam Antonio de BitanCurt perestrello as posses que tomou seu jrmam Juzeph de Vasconcelos BitanCurt todos deste termo, 1718-05-06, vila nova da Calheta, morada do juiz ordinário, o capitão José de Souto de Mendonça, in Sentenças que alcansou Pedro Paulino de Vasconcellos Como Cabeça de sua mulher Donna Luiza Agostinha de Noronha Bettencourt sobre a 3ª que Jnstetuho Diogo Bettencourt Perestrelo Governador e Cappitam Donatario da Ilha do Porto Sancto et caetera, ABM, FBPV, lv. 4, fl. 170 v.º.*

¹⁰³ ABM, FBPV, lv. 4, fl. 171.

¹⁰⁴ *[A]uto da contaz que [S]e tomão a Antonio Betancurt Prestello desta Cappella de Diogo Betancurt Prestello governador que foi da Ilha do Porto Santo, in Capella de Diogo Bitancurt Perestrello Governador Donatario da Ilha do Porto Santo, de que ha de dar Conta Jozeph de Vasconcelos Bitancurt filho de Paulo Freire de Noronha Hoje Francisco Bitancor Perestrello e Vasconcellos, ABM, Juízo dos Resíduos e Capelas (JRC), cx. 114, n.º 6, fl. 15.*

¹⁰⁵ ABM, JRC, cx. 114, n.º 6, fl. 31.

¹⁰⁶ ABM, FBPV, lv. 4, fl. 40v.º.

¹⁰⁷ *Nobiliário de Bettencourt Perestrelo*, vol. I, ABM, FBPV, lv. 1, fl. 73.

¹⁰⁸ *[Testamento]*, ABM, FBPV, lv. 4, fl. 41v.º.

da tia deste, Joana Maria, «do qual uinculo e capela he diretamente sucesor meu filho o Douttor Diogo de Bittencurt Prestrello»¹⁰⁹. Como administrador dos «bens e vinculo de Morgado de nomeação que fes de sua tersa Diogo de Bittencurt Prestrello meu auou Donatario da Ilha de Porto Santo», cujo testamento invoca, decide:

«pela faculdade que me da nomejo a ditta tersa em a minha filha Dona luiza Bittencur [...] de Noronha por nella Concorrerem as partes e Requezitos que declara e recomenda o instetuido [sic] que vem a ser a grande obediência que senpre me teve e a sua Maj tanto no estado de solteira Como na elejção do Cazamento em que me obedeço e a sua Maj Como tambem Conseruando a mesma obediencia e amor depois de cazada»¹¹⁰.

Elenca os bens do vínculo: terras ao pé do Pico do Castelo arrendadas a Vitoriano Perestrelo; terras no Estreito da Calheta (fazenda da Terça no lugar dos Galegos com água da Ribeira Funda, fazenda dos Reis no Lombo dos Reis com água da Ribeira do Farrobo, fazenda no Lombo dos Reis no lugar da Cruz chamado o “Engenho”, fazenda das Gilieiras no Lombo dos Castanheiros com água das levadas anexas, fazenda no Lombo de Isabel Sardinha); fazenda do Figueiral, ao pé do Maravador, no Porto Moniz; serrado da Palmeira nos Piornais; serrado na Praia Formosa (para compensar a venda que fizera deste serrado, o anterior administrador, Paulo Freire de Noronha, obrigara-se a comprar a fazenda do Salão e a fazenda de Domingos de Sá no Estreito da Calheta, bem como o tanque de João Ferreira).

Este morgado poderá ser o autor tanto do *Nobiliário de Betencourt Perestrelo* como de um manuscrito da Biblioteca Nacional¹¹¹ onde pode ler-se:

«Este Livro foy Composto por Antonio de Betencourt Perestrelo de Noronha Fidalgo Cavaleiro da Caza Real morador na Ilha da Madeira, e hum dos principaes fidalgos da Cidade do Funchal que teve a curiozidade de escrever esta progonologia dos seus naturaes E para a fazer com toda a Certeza tomou o trabalho de ver todos os Livros de bauptismo Recebimentos, E obras de todas as freguesias da mesma Ilha, e vindo a Lisboa a negocios da sua Caza, o copiou pela sua mesma Letra, de modo que esta Copia só lhe falta para ser original o haver se escrito primeiro o que fez por querer o seu generozo animo favorecer ou ajudar a minha curiozidade Nelle observou escrever nas costas de cada Arvore a da mulher de cada hum dos varoens de quem se fizeram afim de poder fazer as noticias mais antigas. Em alguãs nam observa o mesmo, como se ve nas advertencias que nellas faz».

Também no *Livro de Árvores das Famílias da Ilha da Madeira Feito no Anno de 1764*¹¹², pode ler-se:

¹⁰⁹ [Testamento], ABM, FBPV, lv. 4, fl. 42v.º.

¹¹⁰ [Testamento], ABM, FBPV, lv. 4, fls. 42v.º-43.

¹¹¹ Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), reservados, cód. PBA 296.

¹¹² BNP, reservados, cod. 1352.

«As Árvores que se áchão neste Livro são tiradas fielmente dos Nobiliarios que escreveo Henrique Henriques de Noronha, somente das Famillias que pertencem á Ilha da Madeira, e se lhe deve dar inteiro credito, tanto por ser o dito Henrique Henriques, pessoa Ilustre, inteligente, e natural da mesma Ilha, como por escreve los sobre bons fundamentos, vendo os Cartorioz da mesma Ilha, oz livroz dos cazamentos, baptizados, e óbitos, Inventarios, Brazões, e escripturas, que são oz documentos mais proprios para a clareza destes livros, como em quazi todas as famílias tras sitados; E supposto que algumas vezes se valha tambem de tradição hé só naquelles cazos a que não poude achar outra prova, mais do que a antiga noticia: E seguindo o mesmo estilo, e verdade, António Bettencourt Perestrello Favella, Fidalgo Cavaleiro, natural da mesma Ilha/ devendo=lhés os seos patricios não menor affecto no incançavel trabalho em que tem exercitado a sua curiosidade, que ainda actualmente exercita / uniformemente se veyo conformar nas Arvores que compôs em o Livro que concerva de sua propria Letra, com os ditos Nobiliarios, por onde se formarão as Arvores deste livro, os quais forão autorizados, e tidos por verdadeiroz por Joze Francisco Monterroyo Mascarenhaz, por Diogo Rangel, e por todos os mais Genialogicos que virão os ditoz Livros, de Henrique Henriques; e pelos que hoje há neste Reino, e isto pelos fundamentos expostos. Neste livro se observa escrever nas costas das Arvores a da mulher de cada hum dos Varões a quem se fizeram afim de se poderem fazer as noticiaz mais antigas, e em algumas se não observa o mesmo, mas hé a que imediatamente se segue».

Outro indício da aludida provável autoria é o facto de se encontrarem dentro do vol. II do *Nobiliário de Betencourt Perestrello*, tendo aliás motivado a sua encadernação juntamente com as folhas desta obra, duas cartas dirigidas a “António Betencourt Perestrello”, uma delas datada de 26-08-1746, em que João Henrique de ? indica os nomes de seus avós André de Freitas Drumond e Arcângela Cordeiro de Sampaio, bem como de seus bisavós Manuel de Freitas Drumond e D. Margarida de Teive¹¹³.

1.4.2.3. Pedro Paulino de Vasconcelos (post. 1685-ant. 04-08-1803), administrador do morgadio por cabeça de sua mulher Luísa Agostinha Betencourt Noronha (1719-1809)

Filho de Manuel de Sousa de Vasconcelos e de Teresa Cabral Catanho, que casaram no Arco da Calheta em 1685, e irmão do P.^e Manuel de Sousa e Vasconcelos e de Inácia Cabral de Vasconcelos, Pedro Paulino de Vasconcelos nasceu no Arco da Calheta.

Aí casou com Luísa Agostinha de Noronha, filha do capitão António de Bettencourt Perestrello e Vasconcelos e de Cecília Maria de Moura e Vasconcelos – a furto, pois a noiva estivera ajustada para casar com seu primo Mateus Cabral de Barros e Câmara, filho do capitão comandante Francisco de Barros e Vasconcelos, primo irmão de sua mãe, e fugiu na véspera do dia acertado para se fazerem as escrituras deste casamento e do de seu irmão Diogo com Rosa Maria Cabral da Câmara, filha do

¹¹³ ABM, FBPV, lv. 2, fls. [460]-[461] (num. atual).

referido capitão¹¹⁴. Antes de Luísa Agostinha e Pedro Paulino se receberem, ela esteve hospedada em casa de sua prima Leonor Telo Moniz de Menezes; o casamento realizou-se a 12-11-1744

«na Jrmida de Nossa Senhora do Desterro de Licença do Reverendo Provizor depois de corridos os banhos e sem impedimento algum excepto os impedimentos que sahirão de parentesco de consanguinidade, primeiros esponsaes, e Rapto, que não procederão, como consta da sentença [...] com a data de sete de Novembro, do M[ui]to Reverendo Doutor Provizor o Cónego Manoel Gomes da Silva, e na forma do Sagrado Concilio Tridentino e Constituições do Bispado»¹¹⁵.

Pedro Paulino residiu no Arco da Calheta entre 1745 e 1778; entre 1745 e 1761 morava com sua mulher no sítio do Ribeiro do Ledo. Em 1767 era juiz ordinário no Arco da Calheta.

Litigou com seu cunhado Diogo de Bettencourt Perestrela pela posse do vínculo instituído pelo bisavô de sua mulher, litígio que estava pendente em 22 de outubro de 1779, ano em que aparece a prestar contas desta capela¹¹⁶. Foi ratificado na posse das fazendas da dita terça em 1788.

O livro das *Sentenças que alcançou Pedro Paulino de Vasconcellos Como Cabeça de sua mulher Donna Luiza Agostinha de Noronha Bettencourt sobre a 3ª que Instetuhio Diogo Bettencourt Perestrela Governador e Cappitam Donatario da Ilha do Porto Sancto*, que contém o teor das disposições do instituidor a favor de seus filhos Paulo Freire de Noronha e D. Bernardina, bem como das do 1.º administrador da terça dito Paulo Freire de Noronha, e do 2.º administrador capitão António Betencourt Perestrela, atesta a intensidade do confronto dos cunhados. Após uma sentença a favor de Diogo de Betencourt, em 19 de abril de 1773, Pedro Paulino e sua mulher apelaram e obtiveram sentença contrária da Relação em 17 de janeiro de 1775:

«menos bem julgado foi pelo corregedor da Ilha da Madeira em julgar nulla a nomeação feita na Appellante, vistos os auttos, dos quais se mostra, que fazendo se no secullo passado a Jnstiuição do vinculo de que se tracta com a irregular sucessão de se poder nomear o vincullo no filho que fosse mais benemerito, sem atenção à maioria; asim sucederão os Administradores athe ao Pae destas partes, o qual no testamento com que falesceo no anno de mil settecenttos uzando da dita faculdade o nomeou na Appelante sua filha, declarando ter esta as qualidades da Jnstiuição; e supposto que no anno de mil

¹¹⁴ Diogo de Betencourt Perestrela, «bacharel formado em cânones» em Coimbra e D. Rosa Maria casaram em 1745-10-31 na ermida de Nossa Senhora da Nazaré no Arco da Calheta (ABM, Paróquia do Arco da Calheta, lv. 1032, fl. 17v.º).

¹¹⁵ ABM, Paróquia do Arco da Calheta, lv. 1032, fls. 7-7v.º.

¹¹⁶ *Capella de Diogo Bitancurt Perestrello Governador Donatario da Ilha do Porto Santo, de que ha de dar Conta Jozeph de Vasconcelos Bitancurt filho de Paulo Freire de Noronha Hoje Francisco Bitancor Perestrello e Vasconcelos*, ABM, JRC, cx. 114-6, fl. 38.

settecentos sessenta e sette, uzando da dita faculdade o nomeou na Appellante sua filha declarando ter esta as qualidades da Instituição; e supposto que no anno de mil, settecentos, sessenta e noue se oppós o Appellado Com o fundamento de Ser Primogenito, e não ter a Jrmã as qualidades da gratidão que o Pae nomeante expressava, nem a faculdade de nomear se podia verificar em filha, havendo filho, Comtudo não deve ser attendido porquanto, ainda que o Instituidor Se explicou pella palavra = filhos = esta no sentido jurídico não exclue as filhas, e muito menos no sentido do mesmo Instituidor, que chamando logo para Succeder neste Vincullo em partes iguais a hum filho, e hua filha deixados outros filhos; quando fallou com os dous chamados, repetidas vezes se explicou pella mesma palavra = filhos = sem distinção de macho a fêmeas. A instituição expressamente excluía a Primogenitura; e como Se não prova com legalidade que faltassem as qualidades da gratidão, nem seria facil depois da nomeação e asserção do ultimo administrador; não há motivo para se julgar nulla a nomeação, e excluir a Appellante da posse e direito que Se conferio na Appelante depois da Morte do Pay nomeante em tempo que não era Reprovada a Successão irregullar que as Leys novíssimas Só Reprovarão para o futuro, e se mandão observar dahy em diante pelos Successores dos actuais administradores, como se declarou por Assento do Senado. Portanto, e o mais dos auttos Reformão Sua Sentença, e julgão Valida a nomeação para na Successão da nomeada Se continuar a Succeder na Conformidade das Leys novíssimas; e pague o Appellado as custas dos autos»¹¹⁷.

Os desembargadores julgaram a favor de Luísa Agostinha e Pedro Paulino, recusando validar a sentença do corregedor madeirense, apenas concedendo que a sucessão no vínculo daí por diante não se faria mais nos termos do testamento da instituição, mas «na conformidade das leis novíssimas»¹¹⁸. Em vão o Doutor Diogo Betencourt Perestrelo debateu a natureza do vínculo disputado e alegou ser «entre todos os filhos o mais obediente a seu Pay e May e por estta matteria o estimavam mais e fazião delle mayor apreço, porque era bem procedido Sem Ser inclinado âquelles vicios a que porpende a mocidade Sahindo da caza dos dittos Seus Pays para a Universidade de Coimbra por gosto e vontade destes»¹¹⁹, ao passo que sua irmã «antes de cazada deu vários desgostos tanto a Seu Pay como a Sua May com outros cazamentos que pertendia efetuar occultamente e Sem consentimento destes com pessoas que nam erão da cua qualidade»¹²⁰ – pior ainda, que o casamento de D. Luísa Agostinha «não foi por gosto e consentimento de seus pais»¹²¹: o acórdão da

¹¹⁷ *Sentenças que alcansou Pedro Paulino de Vasconcellos Como Cabeza de sua mulher Donna Luiza Agostinha de Noronha Bettencourt sobre a 3ª que Instetuhio Diogo Bettencourt Perestrelo Governador e Cappitam Donatario da Ilha do Porto Sancto*, ABM, FBPV, lv. 4, fls. 141-142v.º.

¹¹⁸ É de crer que se trata da lei de 09-09-1769, que suprimiu os pequenos morgadios, e da lei de 03-08-1770, que remodelou os vínculos existentes e proibiu a instituição de novos morgadios (cf. SILVA, 1998, «Instituições vinculares», p. 172).

¹¹⁹ ABM, FBPV, lv. 4, fls. 68v.º-69.

¹²⁰ ABM, FBPV, lv. 4, fls. 110v.º-111.

¹²¹ ABM, FBPV, lv. 4, fl. 111.

Relação repôs a vontade do instituidor contrariada pela sentença anterior¹²², mostrando assumir o testamento da instituição (que expressamente excluía da sucessão os primogénitos, mas não as filhas) como «norma interna do morgadio»¹²³ e a palavra do instituidor como prova suficiente da condição requerida para suceder (gratidão filial).

É passada quitação das missas da capela de Diogo de Betencourt Perestrelo a favor de D. Luísa Agostinha em 17 de julho de 1799, e a partir de 1803 (decerto já viúva) ela aparece a prestar contas deste vínculo¹²⁴.

Juntamente com o processo da capela de Diogo de Betencourt Perestrelo, encontra-se o da *Conta que novamente se toma a Pedro Paulino de Vasconcellos desta Capella que Instituhio Dona Maria da Estrella Aragam*, com pensão anual de «duas missas rezadas, huma a Nossa Senhora da Estrella outra a Nossa Senhora do Luretto»¹²⁵; em 16-10-1779, o capitão Pedro Paulino declarou não poder apresentar a instituição e o tombo desta capela, por motivo que fica por esclarecer, porque falta parte da folha; apesar do mau estado do processo, é possível verificar que Pedro Paulino apresentou quitações da capela de D. Maria da Estrella entre 1776 e 1793, porém a partir de 1803 é o nome da sua mulher que consta; a D. Luísa Agostinha sucedeu, em 24-07-1820, Francisco Betencourt Perestrelo e Vasconcelos; em 1841, sendo administrador António Betencourt Perestrelo, mostrou-se cumprida esta capela.

Pedro Paulino litigou também com Gaspar Berenguer César Betencourt a respeito de um tanque de água na fazenda do Salão no Lombo dos Reis; litigou ainda com seu sobrinho António João de Barros de Cabral e Câmara, e ainda sobre o vínculo instituído por Manuel de Florença, o Velho. Em agosto de 1789, foi chamado pelo 1.º escrivão da Santa Casa da Misericórdia (João) Homem (d'El-Rei), na sequência do determinado em Mesa da Santa Casa, a prestar contas do tempo que servira de escrivão (ano de 1784) seu filho Joaquim José de Vasconcelos, nascido em 1761¹²⁶.

1.4.2.4. Morgado António Betencourt Perestrelo e Vasconcelos (1745-ant. 24-07-1820) e Clara Delfina Betencourt e Atougua (1767-?)

Filho de Pedro Paulino de Vasconcelos e de Luísa Agostinha Betencourt Noronha, António Betencourt Perestrelo e Vasconcelos sucedeu na administração do morgadio. Nasceu no Arco da Calheta a 04-09-1745 e foi batizado a 12 dos mesmos mês e ano, sendo padrinho António Betencourt Perestrelo, por procuração a Manuel da Câmara e Andrade,

¹²² Cf. ROSA, 1995, *O morgadio em Portugal sécs. XIV-XV*, p. 249.

¹²³ ROSA, 1995, *O morgadio em Portugal sécs. XIV-XV*, p. 248.

¹²⁴ ABM, JRC, cx. 114, n.º 6, fl. 49.

¹²⁵ ABM, JRC, cx. 114, n.º 6, fl. 1.

¹²⁶ ABM, Paróquia do Arco da Calheta, lv. 1022, fl. 154.

e madrinha Clara Agostinha de Santa Rosa, religiosa de Santa Clara, por procuração ao P.^e António(?) Teles de Meneses¹²⁷.

Em 1768, consta como soldado, e como capitão em outubro de 1802.

Em 24-10-1791, casou, na capela de Nossa Senhora da Estrela, Calheta, sendo primeiro corridos os banhos na igreja Colegiada da Calheta e na do Arco da Calheta, com Clara Delfina Betencourt e Atouguia¹²⁸, filha do capitão Manuel Rodrigues Teixeira e de Antónia Filipa Betencourt e Atouguia, nascida a 08-08-1767 e batizada a 12 dos mesmos mês e ano, no Paul do Mar¹²⁹: foram testemunhas o capitão Paulo Freire de Betencourt Perestrelo de Noronha Homem de Gouveia e o cura da Colegiada da Calheta Francisco de Atouguia Bettencourt (presume-se que seria o irmão da noiva, natural do Paul e mais velho do que ela por ter nascido a 09-02-1756¹³⁰). Moradores, ele no Arco da Calheta e ela no Lombo da Estrela à data do seu casamento, António e Clara Delfina moravam no dito Lombo em 29-01-1795, data do batismo de seu filho Francisco, e no Estreito da Calheta, à data do casamento deste com Francisca Agostinha de França Doria, em 29-06-1813.

António Betencourt Perestrelo e Vasconcelos aparece a prestar contas da capela de Diogo Betencourt Perestrelo em 18-10-1810, sendo-lhe as contas tomadas de novo em 05-07-1817 e mostrando-se então «alcançado [...] em setenta Missas rezadas [...] a duzentos reis cada uma»¹³¹; em fevereiro de 1817 foi levantado o sequestro feito em bens deste morgado.

Este morgado e seus sucessores agregaram o patronímico Vasconcelos aos apelidos Betencourt Perestrelo, herdados do instituidor do vínculo.

1.4.2.5. Morgado Francisco Betencourt Perestrelo e Vasconcelos (1795-ant. 1841) e Francisca Agostinha de França Doria (1784-?)

Filho de António Betencourt Perestrelo e Vasconcelos e de Clara Delfina Betencourt e Atouguia, Francisco Betencourt Perestrelo e Vasconcelos nasceu a 20-01-1795, na Calheta, e batizou-se a 29 dos mesmos mês e ano, na igreja colegiada do Espírito Santo da mesma vila, sendo padrinhos o capitão de mar e guerra Francisco Bettencourt Perestrelo e D. Inácia Antónia de Seixas Sotomaior¹³². É de crer que o

¹²⁷ ABM, Paróquia do Arco da Calheta, lv. 1020, fl. 157.

¹²⁸ ABM, Paróquia da Calheta, lv. 536, fl. 55v.º.

¹²⁹ ABM, Paróquia do Paul do Mar, lv. 1223, fl. 331.

¹³⁰ ABM, Paróquia do Paul do Mar, mf. 83/84, fl. 231.

¹³¹ *Conta que se toma ao novo administrador desta Capella que instituiu Diogo Bitancur Perestrello Governador Donatario da Ilha do Porto Santo, in Capella de Diogo Bitancur Perestrello...*, ABM, JRC, cx. 114, n.º 6, fls. 51v.º-52.

¹³² ABM, Paróquia da Calheta, lv. 523, fl. 203v.º.

padrinho seria o tio-avô da criança, irmão de sua avó D. Luísa Agostinha, que «foy para a índia por cappitam de mar e guerra na Nao de viage Santo Antonio e justisa em 15 de Abril de 1761 Caualleiro professo na ordem de christo Com tensa de 60 mil»¹³³, e a madrinha a mulher deste, como o leva a presumir a correspondência abaixo mencionada.

Morador no Estreito da Calheta, casou em 29-06-1813 na capela de Nossa Senhora da Estrela da Calheta com sua prima Francisca Agostinha de França Doria¹³⁴, filha de Manuel Freire Betencourt e França e de Leonor Agostinha Betencourt, sendo os noivos dispensados no 2.º grau de consanguinidade bem como dos últimos dois pregões. Foram testemunhas o capitão-mor António João Rodrigues Brazão e o P.º Francisco de Atouguia (presume-se que seria o sacerdote mencionado no capítulo 1.4.2.4., o “Tio Cura” a que diz respeito a subsecção D/A do arquivo da família). Francisca Agostinha nascera a 24-09-1784 na Várzea da Estrela na Calheta, sendo batizada a 04-10-1784 na igreja colegiada do Espírito Santo da vila da Calheta¹³⁵. O casal teve cinco filhos: António, nascido a 18-04-1814; Maria, a 29-06-1815; Lourenço, a 17-10-1816; Inácia, a 02-07-1818, e Leonor, a 05-03-1821¹³⁶.

Francisco Betencourt Perestrelo e Vasconcelos consta como morgado no batismo destes três últimos filhos seus, e a prestar contas como administrador da terça de Diogo de Betencourt Perestrelo a 24-07-1820, mostrando «satisfeita a penção até o anno preterito de mil outocentos e dezanove inclusive»¹³⁷.

Em 1 de agosto de 1831, enquanto administrador das capelas de Diogo de Betencourt Perestrelo, Manuel de Florença e Dona Maria da Estrela, liquidou até 1830 inclusive a conta que lhe foi tomada.

Em 26-08-1823, este morgado obteve sentença reconhecendo a longuíssima posse de mais de 130 anos em que estava de águas do vínculo que administrava, por si e pelos administradores que o haviam precedido. Foi co-herdeiro do reverendo António João de França Castelo Branco, e herdeiro de sua tia, madrinha e comadre Inácia Antónia de Seixas Sotomaior, com quem mantinha uma relação afetuosa, como atesta a sua correspondência¹³⁸, que igualmente documenta a relação próxima que mantinha

¹³³ *Nobiliário de Bettencourt Perestrelo* vol. I, ABM, FBPV, lv. 1, fl. 73v.º. Este fidalgo consta a 09-07-1774 com esta patente no Arquivo Histórico da Marinha, *Livro Mestre da Corporação dos Officiais da Marinha*, lv. 1, p. 43.

¹³⁴ ABM, Paróquia da Calheta, lv. 537, fl. 173v.º.

¹³⁵ ABM, Paróquia da Calheta, lv. 522, fl. 157.

¹³⁶ ABM, Paróquia da Calheta, lvs. 526 a 529.

¹³⁷ ABM, JRC, cx. 114-6, fl. 54.

¹³⁸ Por exemplo, *Carta dirigida a Francisco Betencourt Perestrelo por sua tia, madrinha e comadre D. Inácia Antónia de Seixas Sotomaior*, 1821-07-12, ABM, FBPV, cx. 1-126.

também com os seus parentes do ramo dos capitães do Porto Santo e morgados dos Reis Magos¹³⁹.

Entre 1820 e 1832 foi juiz ordinário da Calheta. Consta como major em 1829 e como sargento-mor em 1832. Preso, pediu para ser transferido da fortaleza do Ilhéu para outra prisão em 1834; em 1837 recebeu aviso de que quem o quisesse procurar deveria fazê-lo até 03-01-1838, pois que ele tinha ordem para embarcar para Lisboa. Em 07-03-1838 estava preso no Limoeiro.

1.4.2.6. Morgado António Betencourt Perestrelo e Vasconcelos (1814-1859) e Rosa Augusta Bettencourt de França (1810-1885)

Filho de Francisco Betencourt Perestrelo e Vasconcelos e de Francisca Agostinha de França Doria, António Betencourt Perestrelo e Vasconcelos nasceu em 11-04-1814, na Calheta, e batizou-se a 18 dos mesmos mês e ano, na igreja de S. Sebastião do convento da mesma vila¹⁴⁰.

De abril de 1838 a 1840 esteve ausente em Canárias, onde fez testamento por estar muito doente: sofria de um tumor na cabeça, padecendo dores de ouvido desde criança.

Apesar da doença, António Betencourt Perestrelo e Vasconcelos estava noivo em 26-04-1842, ano em que casou, a 14 de novembro, no Arco da Calheta, com Rosa Augusta Bettencourt de França, filha de Francisco João de França e Andrade e de Maria Ludovina Drumond e França¹⁴¹. A noiva, nascida em 05-09-1810, foi batizada a 16 dos mesmos mês e ano, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça do Estreito da Calheta¹⁴². À data do batismo de seu filho José, em 29-06-1845, o casal morava na Ladeira, Arco da Calheta¹⁴³. O capelão deste morgado, Don Angel Perdomo Betencourt, e o seu compadre, Manuel Justino Passalaqua, foram seus confidentes e conselheiros, tendo-lhe o primeiro recomendado

«el método plan de vida y órden com que te hás de conducir; no debes ignorar que el buen marido hace la buena muyer, que á esta se le ha de tratar com amor y condescendencia como baso fragil que es, y no com gritos, malos modos y furias tan naturales a los Portugueses»¹⁴⁴!

António Betencourt Perestrelo e Vasconcelos tratou de obter a patente de alferes da 1.ª companhia do Regimento de Milícias da Calheta. Leal à rainha D. Maria II, entre

¹³⁹ Por exemplo, *Carta dirigida por D. Ana a seu primo Francisco Betencourt Perestrelo de Vasconcelos reportando-se às duas cartas que dele recebera, datadas de 25 de janeiro e 23 de abril, 18--06-01*, ABM, FBPV, cx. 1-110.

¹⁴⁰ ABM, Paróquia da Calheta, lv. 526, fl. 93v.º.

¹⁴¹ ABM, Paróquia do Arco da Calheta, lv. 1034, fl. 125.

¹⁴² ABM, Paróquia do Estreito da Calheta, lv. 1056, fl. 250v.º.

¹⁴³ ABM, Paróquia do Arco da Calheta, lv. 1028, fl. 152v.º.

¹⁴⁴ ABM, FBPV, cx. 2-214.

os seus adversários políticos encontrava-se certo miguelista denominado Vabalarco. Sucedeu na administração do morgadio e, como muitos morgados, sofreu apertos financeiros, teve contas com diversos credores – João Calisto Mendes, o canariense Nicolás Abréo, Manuel Justino Passalaqua, Don Angel Perdomo Betencourt, Amaro Severim; recorreu também a seus cunhados, Francisco Ladislau de França e Andrade e Vicente Júlio Betencourt Pimenta, que administrou o casal de seus sogros após a morte destes e durante a ausência em Canárias de seu cunhado. Este morgado foi parte interessada na herança de seu primo Cristóvão. Foi juiz eleito da Calheta, em 1850.

Administrador da capela de Diogo de Betencourt Perestrelo, aparece em 1841 a pagar a respetiva pensão até «1841 inclusive»¹⁴⁵.

António Bettencourt Perestrelo e Vasconcelos morreu em 07-05-1859¹⁴⁶, no Lombo dos Reis, Estreito da Calheta, com todos os sacramentos. Rosa Augusta faleceu com todos os sacramentos da Igreja Católica no sítio da Ladeira e Lamaceiros em 01-03-1885¹⁴⁷.

1.4.2.7. Morgado José António Betencourt Perestrelo (1845-1916) e Gerarda Paulina Marcial Betencourt (1847-1925)

Filho do morgado António Betencourt Perestrelo e Vasconcelos e de Rosa Augusta Bettencourt de França, José António Bettencourt Perestrelo e Vasconcelos nasceu em 09-04-1845 e foi batizado em 29 de junho do mesmo ano¹⁴⁸.

Em 1886 casou na Calheta com D. Gerarda Paulina Marcial, filha de Luís Marcial e de Bebiania Carolina Marcial, moradores no Lombo da Estrela¹⁴⁹; a noiva, nascida a 26-06-1847, fora batizada em 5 de setembro do mesmo ano¹⁵⁰.

Em 04-05-1871, consta ser intimado

«José Bettencourt Prestrello solteiro como filho de Antonio Bettencourt Prestello, morgado, para no prazo de trinta dias, hir ou mandar pagar as pen[s]ões que he obrigado dito seu Pai por ser responsável pelos os [sic] encargos Pios, e Vinculos, e Capellas sob sua Administração instituídas por Diogo Bettencurt Prestello que era [Vinculo] do Porto Santo, em 1680, D. Maria da Estrella N.º 976 N.º 977. – Manoel de Florença»¹⁵¹.

¹⁴⁵ ABM, JRC, cx. 114, n.º 6, fl. 58.

¹⁴⁶ ABM, Paróquia do Estreito da Calheta, lv. 1077, fl. 190.

¹⁴⁷ ABM, Paróquia do Estreito da Calheta, lv. 4313, fl. 3v.º-4.

¹⁴⁸ ABM, Paróquia do Arco da Calheta, lv. 1028, fl. 152v.º.

¹⁴⁹ ABM, Paróquia da Calheta, lv. 4382, fl. 11v.º-12.

¹⁵⁰ Cf. cópia do termo de batismo, ABM, FBPV, cx. 2-113; neste documento, encontra-se inscrita a lápis a data do seu falecimento, 18-06-1925.

¹⁵¹ *Termo da citação feita a José Bettencourt Perestrelo como filho de António Bettencourt Perestrelo, morgado, 04-05-1871, in Processo da capela de Diogo de Betencourt Perestrelo, ABM, JRC, cx. 114-6, fl. 61v.º.*

Tomada a conta à revelia do citado, foi este condenado, em 30 de outubro de 1871, «na commutação dos legados pios não cumpridos, de mil oitocentos e quarenta a mil oitocentos e sessenta, na importancia de quarenta e um mil e seiscentos reis, sellos e custas»¹⁵². Consequentemente, pagou 27.735 réis ao procurador do Hospital de S. José e 13.865 réis ao tesoureiro da Misericórdia do Funchal; em 30-04-1872, «e por tudo se achar cumprido ate mil oitocentos e sessenta, anno este em que a lei de desvinculação dezonou de seus encargos os bens vinculados»¹⁵³, foi-lhe passado alvará de cumprimento dos encargos em questão.

Foi nomeado vogal da Comissão do Recrutamento da Calheta para o ano de 1893. Hipotecou propriedades para garantia de dívidas que pagou: devolveu a Alexandre Gonçalves da Costa 318.600 réis que ele lhe emprestara, sobre uma terra no Lombo dos Reis com benfeitorias e meio dia de água do Farrobo; pagou a Francisco Policarpo da Veiga, escrivão do Juízo de Direito, 494.776 réis que lhe pedira, dando como garantia uma propriedade no Lombo dos Reis no Estreito da Calheta. Fez pagamentos a Tadeu de Sousa Drumond, procurador de Francisco Policarpo da Veiga, bem como pagou 100.000 réis que ficara devendo ao falecido Manuel Pereira de Canha. Consta ser proprietário do foro do Pau Branco, na Ponta do Pargo, de um prédio na Terra das Frangas e Bacalhau no Lombo da Igreja, e ainda da terra da Fajã das Mixas(?) do Lombo dos Castanheiros, Estreito da Calheta.

Adquiriu diversas propriedades: uma terra no Lombo dos Moinhos, do Estreito da Calheta (1880); uma terra de relva, mato e pinheiros no sítio da Cancela, do Lombo do Lameiro, bem como água do Ribeiro dos Castanheiros, no Estreito da Calheta (vendidas por D. Ana Perestrelo da Câmara Bettencourt); umas benfeitorias sobre terra do seu morgadio pertencentes a João Francisco e sua mulher Antónia de Jesus, lavradores; uma casa sobradada no sítio do Lombo dos Reis; uma terra de sementeira no sítio da Vatalina, do Arco da Calheta, com água da levada do Paul da Serra; um prédio rústico e urbano, com casa sobradada, palheiro e poço, no sítio dos Moinhos do Lombo de S. João, na Fajã da Ovelha; uma terra de pasto na Giesteira da Fajã da Ovelha, e também água do furo da Levada do Moinho e água da Fonte do Folhado da Fajã da Ovelha; diversas benfeitorias e metade de uma casa no sítio da Carreira, no Lombo dos Reis.

Por mandado judicial, como arrematador entregou a Francisco José Brasão Júnior o valor da arrematação de uma terra e benfeitorias no sítio do Lombo dos Reis,

¹⁵² *Termo da citação feita a José Bettencourt Perestrelo como filho de António Bettencourt Perestrelo, morgado, 04-05-1871, ABM, JRC, cx. 114-6, fl. 64.*

¹⁵³ *Termo da citação feita a José Bettencourt Perestrelo como filho de António Bettencourt Perestrelo, morgado, 04-05-1871, ABM, JRC, cx. 114-6, fls. 67-67v.º.*

pertencentes à falecida D. Inácia Bettencourt Perestrelo, para pagamento de uma dívida a que esta era obrigada.

Era morador no Estreito da Calheta à data da sua morte, 11-06-1916¹⁵⁴.

1.4.2.8. José António Bettencourt Perestrelo de Vasconcelos Júnior (1887-1957) e Maria Cira Henriques Figueira de Macedo (1887-?)

Filho de José António Bettencourt Perestrelo e Vasconcelos e de Gerarda Paulina Marcial Bettencourt, José António Bettencourt Perestrelo de Vasconcelos Júnior nasceu no Estreito da Calheta, em 04-09-1887, tendo sido batizado a 20-10¹⁵⁵. Casou em 02-07-1908 em Santa Luzia, Funchal, com Maria Cira Henriques Figueira de Macedo, filha de Evaristo António Abreu Macedo e de Maria Elisa Henriques Figueira de Macedo¹⁵⁶, nascida a 31-01-1887 e batizada a 10 de fevereiro, em S. Pedro¹⁵⁷. Em 1911 era morador na Encarnação, Santa Luzia, Funchal. Faleceu no Estreito da Calheta em 1957.

1.4.2.9. Quadros Genealógicos

A elaboração dos quadros genealógicos que complementam o inventário do arquivo da família Bettencourt Perestrelo de Vasconcelos, utilizando nomeadamente o *Nobiliário de Bettencourt Perestrello* cujos três volumes integram o arquivo familiar, não foi motivada sobretudo pelo fascínio de desenredar a multiplicidade de vidas que tecem o destino de uma família no ser e no agir de cada membro seu; não se tratou simplesmente de reconstituir uma comunidade familiar ou ajudar o leitor a identificar pessoas para as quais os documentos deste fundo remetem – embora os referidos quadros tenham também esse interesse e essa utilidade. Foi preciso situar esta família e seus membros no seu mundo alargado de parentescos para reconstituir a teia de relações, esmaecida por vicissitudes diversas, que originou os documentos que compõem o acervo, de modo a fundamentar a organização deste.

A par da linha de sucessão dos morgados Bettencourt Perestrelo de Vasconcelos, administradores da terça do 7.º capitão do Porto Santo, Diogo Bettencourt Perestrelo, e descendentes do 1.º morgado e filho desse instituidor Paulo Freire de Noronha, foi identificada a linha de sucessão dos capitães do Porto Santo que se extinguiu com a morte, sem geração, do último capitão, Estêvão Bettencourt Perestrelo e Vasconcelos,

¹⁵⁴ ABM, Conservatória do Registo Civil da Calheta, lv. 904, fl. 91, reg. 177.

¹⁵⁵ ABM, Paróquia do Estreito da Calheta, lv. 4451, fls. 30v.º.

¹⁵⁶ ABM, Paróquia de Santa Luzia, lv. 6502, fls. 13v.º-14v.º.

¹⁵⁷ ABM, Paróquia de S. Pedro, lv. 1391, fls. 15v.º, reg. 37.

cujos herdeiros foram os descendentes de seu tio e 1.º governador do Porto Santo, Nicolau Betencourt Favila de Noronha; atento o critério de Henrique Henriques de Noronha e do autor do *Nobiliário de Betencourt Favila*, que integram em título de Favilas estas duas linhagens, consideram-se pertencerem ambas ao grupo dos Perestrelos Favilas cujo tronco é o 7.º capitão, filho único de D. Francisca da Câmara Perestrela e de Vitoriano de Betencourt de Vasconcelos, provido na capitania em razão do casamento com D. Francisca; a linha de descendência de Gaspar Perestrela, irmão de D. Francisca, veio a fundir-se com a linha de sucessão dos capitães do Porto Santo, por via de D. Ana Angélica filha do morgado dos Reis Magos Paulo Freire Betencourt de Noronha Perestrela da Câmara¹⁵⁸ e de seus dois maridos e primos: do primeiro, Bento João Perestrela da Câmara¹⁵⁹, teve quatro filhos: Ana Perestrela de França, Júlia Perestrela da Câmara, Paulo Perestrela da Câmara e madre Maria Amália Perestrela do Patrocínio; do segundo e irmão do anterior, Gregório Francisco Perestrela da Câmara¹⁶⁰, teve uma filha, D. Helena Augusta Perestrela¹⁶¹, mulher do morgado Tristão Joaquim Betencourt da Câmara¹⁶², e um filho, Gregório Perestrela da Câmara, que casou com D. Isabel Leopoldina Bianchi: uma filha destes, Filomena, desposou o Conselheiro Manuel José Vieira¹⁶³, herdeiro universal do último morgado dos Piornais, tendo este casal originado a geração de Perestrelos Favilas Vieiras.

¹⁵⁸ Natural da Sé, onde nasceu a 1792-07-04 (ABM, Paróquia da Sé, lv. 31, fl. 129).

¹⁵⁹ Casaram no Estreito da Calheta em 1806 (ABM, Paróquia do Estreito da Calheta, lv. 1065, fl. 6).

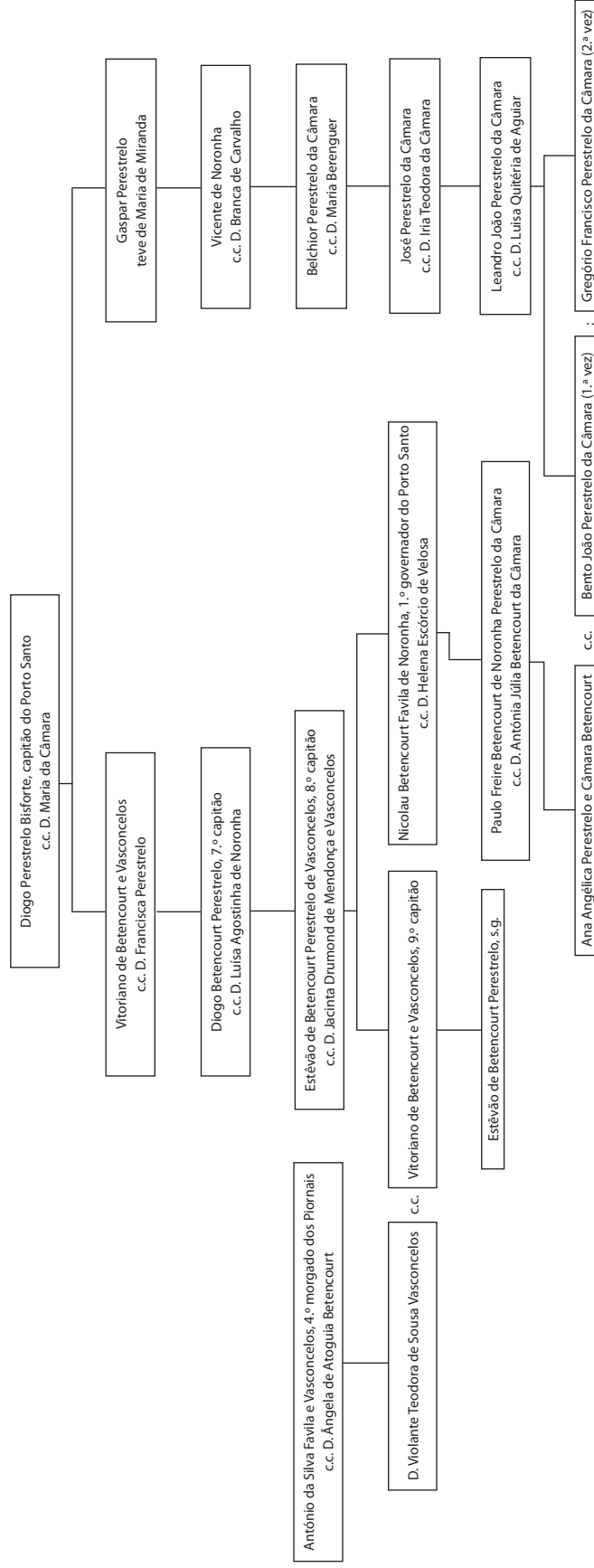
¹⁶⁰ Casaram em 1814-04-05 na Sé (ABM, Paróquia da Sé, lv. 63, fls. 106v.º-107).

¹⁶¹ Nascida a 09-09-1815, batizada a 01-10-1815 na ermida dos Reis Magos, estando seus pais, Doutor Gregório Francisco Perestrela da Câmara e D. Ana Angélica Betencourt Perestrela da Câmara Homem (de Gouveia) então a residir «na sua Quinta do Lombo dos Reis» (ABM, Paróquia do Estreito da Calheta, lv. 1057, fls. 53-53v.º).

¹⁶² Casaram em 22-02-1835 (ABM, Paróquia de S. Pedro, lv. 129, fl. 203v.º).

¹⁶³ Casaram em 21-09-1867 (ABM, S. Pedro, lv. 1405, registo 19).

Quadro Genealógico n.º 2 – Sucessão dos Capitães do Porto Santo e Descendência de Gaspar Perestrelo ¹⁶⁴



¹⁶⁴ Este filho mais velho de Diogo Perestrelo Bisforte teria perdido a capitania por se ausentar para a Índia com seu irmão Nuno, «por matarem na vila da Calheta a um Pero Velho» (NORONHA, [1948], *Nobiliário de Famílias que passaram a viver a esta ilha da Madeira, depois do seu descobrimento, que foi no ano de 1420*, p. 452); mas o *Nobiliário* de António de Betencourt Perestrelo narra uma versão diferente desse sangrento episódio, atribuindo a morte de Pedro Velho aos irmãos de Gaspar, Belchior e Baltasar.

2. História Custodial do Arquivo

O arquivo da família Betencourt Perestrelo de Vasconcelos foi doado ao Arquivo Regional da Madeira em data incerta, conforme se afirma no *Guia do Arquivo Regional da Madeira*¹⁶⁵, e a sua história custodial não está documentada. Por informação da família sabe-se, no entanto, que este fundo sofreu perdas significativas anteriormente à sua incorporação no Arquivo Regional.

3. Tipologia Documental e Sistema de Organização

A documentação deste arquivo, bastante heterogénea, inclui nomeadamente: correspondência tão variada como as *Cartas da santa vida de António Betencourt* (Frei Paulo), 1766, correspondência com familiares e amigos, com procuradores e juristas; escrituras e outros títulos de posse como o acordo de dote firmando a união do 1.º morgado, Paulo Freire de Noronha, com sua mulher Ângela de Sousa e Aragão, que casaram em 1689; documentos da administração dos morgados, de que são exemplo as contas e contratos com colonos e meeiros – 1758-1781 –, os róis de avaliação de fazendas, e benfeitorias em fazendas, de Pedro Paulino de Vasconcelos, administrador do vínculo por sua mulher Luísa Agostinha Betencourt Noronha – 1757-1778 –, as quitações do pagamento efetuado pelo mesmo administrador dos encargos da capela de Nossa Senhora das Mercês – 1769-1779 –, ou ainda róis de vinho e trigo do morgado Francisco Betencourt Perestrelo e Vasconcelos – 1810-1827; documentos do exercício de cargos públicos pelos morgados Francisco Betencourt Perestrelo e Vasconcelos e António Betencourt Perestrelo e Vasconcelos, juizes da Calheta respetivamente em 1823-1832 e 1847-1852, e José António Betencourt Perestrelo e Vasconcelos, regedor do Estreito da Calheta em 1849; papéis documentando a estada em Canárias do morgado António Betencourt Perestrelo e Vasconcelos (1834-1840), incluindo o seu testamento (1840). Apesar de boa parte do acervo se ter perdido, tudo o que sobreviveu permite ainda fazer ideia da mentalidade e do quotidiano da fidalguia madeirense, ao longo de um período abrangendo os séculos XVII a XX.

Ao iniciar a inventariação, o acervo apresentava-se despojado de etiquetas e agregados documentais como maços e macetes – um cúmulo de papéis cujas inter-relações e relação com o respetivo produtor foram “apagadas” deixando que

¹⁶⁵ FERREIRA, JARDIM, GUERRA, 1997, *Guia do Arquivo Regional da Madeira*, p. 158.

se perdessem uns dos outros documentos principais, desprovidos de data e/ou assinatura, e os respetivos anexos, ou invólucros.

Alguns cartórios de família dão felizmente entrada nos arquivos históricos conservando ainda sinais explícitos da organização que lhes fora dada pelos respetivos produtores/utilizadores (por exemplo, etiquetas em maços ou macetes ostentando o nome de famílias cujas propriedades foram anexadas por casamentos ou heranças às da linhagem do morgado, ou ainda a designação das feitorias que agregavam as propriedades por ele administradas, etc.) – vestígios de uma “ordem original” que facilitam a classificação.

Perante a escassez de evidências manifestando a ordem e o modo de uso do arquivo Betencourt Perestrelo quando era instrumento da administração familiar (quer dos morgados, quer dos casais que herdaram as propriedades do antigo morgadio após a extinção dos vínculos em 1863), socorri-me da doutrina que realça a importância do estudo das entidades produtoras para bem entender a respetiva produção documental. Destaco: «o trabalho num arquivo de família [...] pede uma investigação genealógica» que «pode oferecer algumas dificuldades»¹⁶⁶, dada a complexidade da entidade Família –

«uma teia de heranças genéticas [...] tecida ao longo de sucessivas gerações ligadas por aquilo a que se chamou – e ainda se chama – “laços de sangue”, e iniciada por um tanto quanto possível longínquo Pai Fundador, real ou fictício, a quem todas as malhas devem conduzir [...] também “memória comum” de lugares, edifícios, pessoas, factos e distinções [...] [permitindo] o “reconhecimento” dos diversos indivíduos que, sincrónica e diacronicamente, se poderiam considerar “parentes”, porque conscientes de um passado comum e portadores de uma simbologia [...] também uma “economia”. Se possidente – terratenente, logo mercantil, financeira ou industrial – reunia as condições prévias necessárias para a elaboração do registo da “memória comum” e consequente “reconhecimento” da parentela, e sobretudo essencial para o cumprimento das regras próprias da sucessão na administração do património e dirimir possíveis querelas de direitos»¹⁶⁷.

Da vida familiar enquanto jogo de parentescos, memória comum e economia, decorre a produção/acumulação de documentos:

«Se a documentação patrimonial é importante para assegurar o sustentáculo económico de uma família a documentação genealógica é-o para transmitir e comprovar determinadas prerrogativas sociais importantes para essa família. Considerando uma terceira área, os arquivos de família contemplarão a documentação de carácter pessoal de cada elemento da família»¹⁶⁸.

¹⁶⁶ PEIXOTO, Jun. 1991, *Arquivos de família: orientações para a organização e descrição dos fundos dos arquivos de família*, p. 10.

¹⁶⁷ MELLO, s.d., «Memória genealógica de Perestrellos Favillas Vieiras», p. 2.

¹⁶⁸ PEIXOTO, Jun. 1991, *Arquivos de família: orientações para a organização e descrição dos fundos dos arquivos de família*, p. 10.

Sobretudo, deve evitar-se «usar a classificação para de algum modo localizar documentos por assunto»¹⁶⁹, procurando antes a «reconstituição do contexto orgânico-funcional da documentação»¹⁷⁰, de modo a patentear a organicidade da entidade produtora – no caso em apreço, a família –,

«valorizando o que a família apresenta como traços constitutivos essenciais, e não as suas particularidades contextuais (socioeconómicas, políticas e culturais): não é orgânica a noção de Casa enquanto unidade gestora de património fundiário, como os bens vinculados ou livres, mas é orgânica, porque comum a qualquer família unidade social, a existência de gerações com casais, seus descendentes e parentes. Portanto, [...] devolver, na medida do possível, os documentos familiares ao seu contexto orgânico é distribuí-los pelo casal administrador ou casal nuclear, pelos irmãos (irmãs) ou pelos cunhados/as e pelos descendentes, geração a geração. É esta, em nosso entendimento, a organicidade familiar. E a funcionalidade associada consiste em elencar em cada membro da família, colocado geracionalmente, as atividades públicas e/ou privadas que exerceu nas sucessivas fases de vida»¹⁷¹.

O mesmo autor conclui que «a abordagem [...] de um acervo familiar, ou de um acervo pessoal, deve pautar-se pela distribuição ou fixação numa espécie de linha do tempo geracional ou bioetápica (fases da vida de uma pessoa) dos documentos produzidos e/ou recolhidos»¹⁷².

A inventariação do arquivo Betencourt Perestrelo permitiu confirmar que independentemente da sua dimensão e/ou estado de (des)arranjo e/ou fragmentação, nos arquivos de família, como em quaisquer outros, preexiste à mediação do arquivista «o imperativo da estrutura institucional e administrativa que conforma e condiciona o fluxo documental»¹⁷³. No caso de um arquivo como este constituído em boa parte por documentação produzida sob o Antigo Regime e o Liberalismo, tal imperativo consiste na existência, na atividade e na interação de instituições portadoras de forte dinamismo próprio e autónomo relativamente à administração régia – a Família e o Morgadio.

Assim, os documentos deste acervo foram integrados, atendendo aos seus produtores identificados e datas, em secções (A a H) cuja estrutura reflete a lógica orgânica de desenvolvimento do grupo familiar (relações de parentesco entre produtores e/ou recetores dos documentos), conjugada com a lógica funcional de criação e desenvolvimento do morgadio (vinculação de bens fundiários, garantes da

¹⁶⁹ SILVA, 2016, «Prefácio», p. 17.

¹⁷⁰ SILVA, 2016, «Prefácio», p. 20.

¹⁷¹ SILVA, 2016, «Prefácio», p. 18.

¹⁷² SILVA, 2016, «Prefácio», p. 19.

¹⁷³ SILVA, 2016, «Prefácio», p. 14.

sustentação económica do grupo familiar, ao cumprimento da vontade do instituidor; sucessão na posse/administração dos mesmos bens condicionada à nomeação pelo morgado em funções do(a) filho(a) mais merecedor – mérito granjeado pela obediência ao pai, o dito morgado). A classificação proposta espelha, como “eixo” da organização do arquivo, a relação de paternidade/filiação dos morgados e a sequência dos sucessores indigitados, nos termos do documento da instituição primeiro, e depois das “leis novíssimas”¹⁷⁴; as subsecções agregam documentos produzidos por ou resultantes da interação morgado/administrador do vínculo e respetivo cônjuge com os parentes desse casal principal – pais, irmãos, filhos, primos. É o caso, por exemplo, das subsecções B/A e B/B (respetivamente, de documentos de António Betencourt Perestrelo e de João Favila Perestrelo Betencourt, filhos do morgado António Betencourt Perestrelo e de Cecília Maria de Moura e Vasconcelos); optou-se por constituir, dentro da secção E (espólio do morgado Francisco Betencourt Perestrelo de Vasconcelos e de Francisca Agostinha de França Doria), uma simples série – E/006 Documentos de primos (do ramo dos sucessores dos capitães do Porto Santo) – com documentos cuja presença neste arquivo só se explica, no estado atual dos conhecimentos, porque se sabe, pela correspondência do morgado, que Francisco e seus primos D. Ana Angélica e Gregório Francisco Perestrelo da Câmara se correspondiam entre si¹⁷⁵. Já as séries foram (re)constituídas com base na tipologia dos documentos – por exemplo, a série G/004 Escrituras de venda, quitação e distrate, a série F/010 Quitações e recibos –, ou no assunto – por exemplo, C/007 Pendências em que Pedro Paulino e D. Luísa Agostinha tiveram parte. Assim se procurou interpretar como “ordem original” do acervo a restaurar a lógica do processo de formação/uso do arquivo, partindo das lógicas de desenvolvimento do grupo familiar e de administração do morgadio.

Documentos cuja ligação a qualquer das outras secções não pôde ser comprovada foram agrupados em séries independentes segundo um critério funcional e/ou temático: Correspondência, Róis e relações diversas ou Documentos de despesa, por exemplo; como não foi possível encontrar prova irrefutável de que o 2.º morgado, António Bettencourt Perestrelo, fosse o autor do *Nobiliário de Bettencourt Perestrelo* (cf. Caps. 1.4.2.2. supra e 5. infra), optou-se por integrar esta obra na série de Documentos genealógicos (FBP/002).

¹⁷⁴ Cf. Nota 118.

¹⁷⁵ Cf., por exemplo, a já referida carta de D. Ana, [18..?]-06-01, ABM, FBPV, cx. 1-110; *carta de Gregório Francisco Perestrelo informando que sua mulher estivera em casa de umas (parentes)*, 1827-11-26, ABM, FBPV, cx. 1-140.

4. Quadro de Classificação

FBPV	Arquivo da Família Betencourt Perestrelo de
FBPV/001	Documentos de bens, benfeitorias e rendimentos agrícolas
FBPV/002	Documentos genealógicos
FBPV/003	Correspondência
FBPV/004	Documentos judiciais
FBPV/005	Róis e relações diversas
FBPV/006	Documentos de teor lúdico ou literário
FBPV/007	Documentos de despesa
FBPV/008	Documentos de Brasão
FBPV/A	Morgado Paulo Freire de Noronha (1669-1712) e Ângela de Sousa e Aragão (1660-?), casaram 1689
FBPV/A/001	Acordo de dote e outros títulos de bens do casal
FBPV/B	Morgado António Betencourt Perestrelo (1694-1767) e Cecília Maria de Moura e Vasconcelos (1701-?), casaram 1718
FBPV/B-A	António (Frei Paulo) Betencourt Perestrelo (1738-1765)
FBPV/B-A/001	Cartas da Santa Vida de António Betencourt em 1766
FBPV/B-B	João Favila Perestrelo Betencourt (1742-?)
FBPV/C	Pedro Paulino de Vasconcelos (post 1685-ant. 04-08-1803), administrador do vínculo por cabeça de sua mulher Luísa Agostinha Betencourt Noronha (1719-1809), casaram 1744
FBPV/C/001	Correspondência de D. Luísa Agostinha Betencourt Noronha
FBPV/C/002	Correspondência de Pedro Paulino de Vasconcelos
FBPV/C/002-001	Cartas de Caetano Alberto Álvares da Silva
FBPV/C/002-002	Cartas de Francisco Nunes de Andrade
FBPV/C/002-003	Cartas e despachos de Diogo de Betencourt Perestrelo
FBPV/C/003	Escrituras
FBPV/C/004	Róis de avaliação de fazendas e benfeitorias sitas em fazendas de Pedro Paulino de Vasconcelos
FBPV/C/005	Contas e contratos com colonos e meeiros
FBPV/C/006	Quitações do pagamento de trigo da capela de Nossa Senhora das Mercês
FBPV/C/007	Pendências em que Pedro Paulino e D. Luísa Agostinha tiveram parte
FBPV/C/007-001	Pendência com Diogo de Betencourt Perestrelo
FBPV/C/007-002	Pendência de Gaspar Berenguer acerca do Tanque
FBPV/C-A	Joaquim José de Vasconcelos Betencourt (1761-1783)

- FBPV/C-A/001 Correspondência de Joaquim José de Vasconcelos Betencourt, filho de Pedro Paulino de Vasconcelos e D. Luísa Agostinha Betencourt Noronha
- FBPV/C-B Padre Manuel de Sousa e Vasconcelos
- FBPV/C-B/001 Correspondência e documentos do Padre Manuel de Sousa e Vasconcelos, irmão de Pedro Paulino de Vasconcelos
- FBPV/D Morgado António Betencourt Perestrelo e Vasconcelos (1745-ant. 24-07-1820) e Clara Delfina Betencourt e Atouguia (1767-?), casaram 1791
- FBPV/D/001 Correspondência
- FBPV/D/001-001 Correspondência recebida de seus pais Pedro Paulino de Vasconcelos e D. Luísa Agostinha Betencourt Noronha
- FBPV/D/001-002 Correspondência sobre questões legais e pendências
- FBPV/D/002 Documentos sobre questões legais e pendências
- FBPV/D-A Francisco de Atouguia Betencourt, "O Tio Cura" (1756-?)
- FBPV/D-B Capitão Manuel Rodrigues Teixeira (?-ant. 1791-10-24) e Antónia Filipa Betencourt e Atouguia (?-1801-07-07), casaram 1753
- FBPV/D-B/001 Correspondência de Antónia Filipa Betencourt
- FBPV/E Morgado Francisco Betencourt Perestrelo e Vasconcelos (1795-ant. 1841) e Francisca Agostinha de França Doria (1784-?), casaram 1813
- FBPV/E/001 Cartas e outros documentos da vida militar de Francisco Betencourt Perestrelo e Vasconcelos
- FBPV/E/002 Correspondência de Francisco Betencourt Perestrelo e Vasconcelos com sua mulher, filhos, outros familiares e amigos
- FBPV/E/003 Correspondência com procuradores e juristas
- FBPV/E/004 Administração e posse de propriedades e rendimentos
- FBPV/E/004-001 Róis de vinho e trigo
- FBPV/E/004-002 Quitações e recibos
- FBPV/E/005 Juiz ordinário da vila da Calheta
- FBPV/E/005-001 Correspondência
- FBPV/F Morgado António Betencourt Perestrelo e Vasconcelos (1814-1859) e Rosa Augusta Betencourt de França (1810-1885), casaram 1842
- FBPV/F/001 Correspondência com credores e fornecedores
- FBPV/F/002 Correspondência com suas irmãs, cunhado, outros familiares e amigos
- FBPV/F/003 Correspondência com Don Angel Perdomo e Vicente Perdomo
- FBPV/F/004 Correspondência e róis da administração de propriedades agrícolas
- FBPV/F/005 Correspondência e documentos diversos
- FBPV/F/006 Títulos de bens
- FBPV/F/007 Estada em Canárias

- FBPV/F/008 Exercício de juiz eleito do Estreito da Calheta
FBPV/F/009 Correspondência e outros documentos sobre partilhas
FBPV/F/010 Quitações e recibos
FBPV/F/011 Correspondência sobre assuntos militares
FBPV/G Morgado José António Betencourt Perestrelo (1845-1916) e Gerarda Paulina Marcial Betencourt (1847-1925), casaram 1886
FBPV/G/001 Correspondência de familiares e amigos
FBPV/G/002 Declarações de venda e quitação, quitações e recibos
FBPV/G/003 Documentos pessoais
FBPV/G/004 Escrituras de venda, quitação e distrate
FBPV/G/005 Herança de D. Inácia Bettencourt Perestrelo
FBPV/G/006 Exercício de regedor no Estreito da Calheta
FBPV/G/007 Documentos de dívida
FBPV/H José António Betencourt Perestrelo de Vasconcelos Júnior (1887-1957) e Maria Cira Henriques Figueira de Macedo (1887-?), casaram 1908
FBPV/H/001 Correspondência
FBPV/H/002 Documentos de despesa
FBPV/H/003 Documentos pessoais

5. Documentação Relacionada

O *Guia do Arquivo Regional da Madeira* refere como fazendo parte do arquivo da Família Betencourt Perestrelo «dois livros manuscritos de genealogias de diversas famílias da Madeira e Porto Santo, que estão integrados na Coleção de Genealogias do ARM»¹⁷⁶: ora são na realidade três, e não apenas dois, os volumes do *Nobiliário de Bettencourt Perestrelo*¹⁷⁷. O 2.º morgado desta família, António Bettencourt Perestrelo (1694-1767), marido de D. Cecília Maria de Moura e Vasconcelos (1701-?), poderá ser o autor deste *Nobiliário* e bem assim do manuscrito da Biblioteca Nacional com a cota PBA 296, conforme a *Advertência ao Leitor* citada acima, em 1.4.2.2.

Outro manuscrito também da Biblioteca Nacional, o *Livro de Árvores das Famílias da Ilha da Madeira Feito no Anno de 1764*¹⁷⁸, sendo as ditas árvores «tiradas fielmente dos nobiliários que escreveo Henrique Henriques de Noronha» – como refere a notícia

¹⁷⁶ FERREIRA, JARDIM, GUERRA, 1997, *Guia do Arquivo Regional da Madeira*.

¹⁷⁷ ABM, FBPV, lvs. 1 a 3.

¹⁷⁸ BNP, reservados, cod. 1352.

constante da folha de rosto –, confirma que o dito 2.º morgado e o autor do *Nobiliário de Betencourt Perestrela* foram contemporâneos.

Particularmente útil para confirmar a linha de sucessão dos morgados, contribuindo para estruturar a classificação do fundo, foi o processo da *Capella de Diogo Bitancurt Perestrela Governador Donatario da Ilha do Porto Santo, de que ha de dar Conta Jozeph de Vasconcelos Bitancurt filho de Paulo Freire de Noronha Hoje Francisco Bitancor Perestrela e Vasconcellos*¹⁷⁹, que documenta o exercício como administrador, em nome da herdeira sua mulher, de Pedro Paulino de Vasconcelos.

As notas de rodapé à síntese da história familiar supra (incluindo notícias biográficas dos administradores do vínculo) remetem para diversas fontes relacionadas com o arquivo dos Betencourt Perestrela de Vasconcelos – documentos pertencentes à Torre do Tombo, ao Arquivo Histórico da Marinha, à Biblioteca Nacional e a outros fundos do Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira: arquivos da Família Torre Bela, da Câmara Municipal do Funchal, do Juízo dos Resíduos e Capelas, livros paroquiais; com efeito encontram-se documentos sobre Perestrelas e Favilas nomeadamente em livros de batismos, casamentos e óbitos dos arquivos das paróquias de Sé, S. Pedro, Calheta e Estreito da Calheta. Existem ainda documentos relacionados com o arquivo Betencourt Perestrela de Vasconcelos entre os documentos da Madeira e Porto Santo conservados no Arquivo Histórico Ultramarino e descritos no *Inventário* de Eduardo de Castro e Almeida¹⁸⁰.

Fontes Manuscritas

Arquivo Histórico Ultramarino

Superintendência dos Serviços de Pessoal, *Livros Mestres da Corporação dos Oficiais de Marinha*, lv. 1.

Arquivo Nacional Torre do Tombo

Casa Real, Cartório da Nobreza, lv. 20.

Provedoria e Junta da Real Fazenda do Funchal, lv. 965-A.

¹⁷⁹ ABM, JRC, cx. 114-6.

¹⁸⁰ ALMEIDA, 1907-1909, *Archivo de Marinha e Ultramar. Inventário: Madeira e Porto Santo*, 2 vols.

Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira

Câmara Municipal do Funchal, lv. 1212.

Conservatória do Registo Civil da Calheta, lv. 904.

Família Bettencourt Perestrelo de Vasconcelos, lvs. 1 a 5; cx. 1-1, 1-2, 1-110, 1-140; cx. 2-113; cx. 3-49.

Família Torre Bela, cx. 19-34.

Juízo dos Resíduos e Capelas, cx. 114-6.

Paróquia do Arco da Calheta, lvs. 1020, 1022, 1028, 1032.

Paróquia da Calheta, lvs. 522, 523, 526, 537, 4382.

Paróquia do Estreito da Calheta, lvs. 536, 1077, 1034, 1045, 1056, 1057, 1065, 4313, 4451.

Paróquia do Paul do Mar, lv. 1223, mf. 83/84.

Paróquia de Santa Luzia, lv. 6502.

Paróquia de São Pedro, lvs. 129, 1391.

Paróquia da Sé, lv. 31.

Biblioteca Nacional de Portugal

Cód. PBA 296.

Cód. 1352.

Bibliografia

ALESSANDRINI, Nunziatella, 2012, «Os Perestrelo: uma família de Piacenza no Império Português (século XVI)», in ALESSANDRINI, Nunziatella, RUSSO, M., SABATINI, G., VIOLA, A. (org.), *Di buon affetto e commercio: relações luso-italianas na Idade Moderna*, Lisboa, Centro de História d'Além Mar, pp. 81-112, disponível em https://www.academia.edu/6148469/Os_Perestrelo_uma_fam%C3%ADlia_de_Piacenza_no_Imp%C3%A9rio_portugu%C3%AAs_s%C3%A9c._XVI_in_Di_buon_affetto_e_commercio_pp.81-112, consultado em 01-04-2019.

ALMEIDA, Eduardo de Castro e (compil.), 1907-1909, *Archivo de Marinha e Ultramar. Inventário: Madeira e Porto Santo*, 2 vols., Coimbra, Imprensa da Universidade.

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA, *Catálogo do Arquivo da documentação da Família Betencourt Perestrelo* (antigo Instrumento Descritivo n.º 57).

BIBLIOTECA NACIONAL, BARATA, Paulo J. S. (intr., catálogo e índices), 2001, *Catálogo da Coleção de Códices: COD. 851-1500*, Lisboa, Biblioteca Nacional.

BRANCO, Fernando, 03-06-2017, «Discussão do artigo "Cristóvão Colón: português, natural de Cuba, agente secreto de D. João II?" de Luís Filipe F. R. Thomaz», in *Expresso*,

- disponível em <https://expresso.pt/sociedade/2017-06-03-Texto-de-Fernando-Branco-1#gs.4bqwk9>, consultado em 04-04-2019.
- CARMONA, Maria João Favila Vieira, «Vieira, Francisco Manuel Homem de Gouveia Favila» in *Aprender Madeira*, disponível em <http://aprendermadeira.net/vieira-francisco-manuel-homem-de-gouveia-favila/>, consultado em 04-04-2019.
- CLODE, Luiz Peter, 1952, *Registo genealógico de famílias que passaram à Madeira*, Funchal, Tipografia Comercial.
- COELHO, Maria de Fátima, 1980, «O instituto vincular, sua decadência e morte: questões várias», in *Análise Social*, vol. XVI, n.º 61-62, pp. 111-131, disponível em www.fd.unl.pt/Anexos/Investigacao/7696.pdf, consultado em 04-04-2019.
- CORDEIRO, Margarida Cláudia S.S. Oeiras, 1989, *Inventário do Arquivo da Casa Nisa*, Lisboa, Trabalho do seminário de Arquivística do Departamento de História da Universidade Autónoma de Lisboa “Luís de Camões”.
- COSTA, Isabel Botelho da, 1987, *Organização e inventariação dum arquivo histórico particular, pertencente à Família Bettencourt Mimoso, e doado ao Arquivo Regional da Madeira*, Funchal, Trabalho do seminário de Arquivologia da Universidade Autónoma de Lisboa “Luís de Camões”.
- D’ARIENZO, Luisa, 2007, «La famiglia di Bartolomeo Perestrello, suocero di Colombo», in *Bollettino della Società Geografica Italiana*, Roma – Série XII, vol. XII, pp. 649-670, disponível em https://www.academia.edu/11881810/La_famiglia_di_Bartolomeo_Perestrello_suocero_di_Colombo, consultado em 01-04-2019.
- FERREIRA, Maria Fátima Araújo de Barros, JARDIM, Gastão e GUERRA, Jorge Valdemar, 1997, *Guia do Arquivo Regional da Madeira*, in *Arquivo Histórico da Madeira: Boletim do Arquivo Regional da Madeira*, vol. XX, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura – Direcção Regional dos Assuntos Culturais – Arquivo Regional da Madeira.
- FERREIRA, P.º Manuel Juvenal Pita, [imp. 1959], *O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante*, Funchal, Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp, 1930, *Livro terceiro dos Brasões da Sala de Sintra*, 2.ª ed., Coimbra, Imprensa da Universidade.
- GUERRA, Jorge Valdemar, Jan.-Jun. 1991, «O saque dos argelinos à ilha do Porto Santo em 1617», in *Islenha*, n.º 8, pp. 57-78.
- LEITE, Jerónimo Dias, 1947, *Descobrimento da Ilha da Madeira e discurso da vida e feitos dos capitães da dita Ilha*, com introdução e notas de João Franco Machado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- MARQUES, João Martins da Silva, 1944, *Descobrimientos Portugueses. Documentos para a sua História*, vol. 1 (1147-1460), Lisboa, Instituto para a Alta Cultura.
- MELLO, Luís de Sousa, s.d., «Memória genealógica de Perestrellos Favillas Vieiras», in *Capela de Nossa Senhora da Ajuda nos Piornais: memória e actualidade*, inédito.

- MELLO, Luís de Sousa e PAREDES, Maria Favila Vieira da Cunha, s.d., «Documentos agregados à Memória genealógica», in *Capela de Nossa Senhora da Ajuda nos Piornais: memória e actualidade*, inédito.
- MELLO, Luís de Sousa, 2005, «Quadros de descendências de povoadores do Porto Santo», in *Sonho da Ilha Afortunada e memórias de tempos difíceis: documentos históricos da ilha do Porto Santo*, in *Arquivo Histórico da Madeira: Boletim do Arquivo Regional da Madeira*, Série Transcrições Documentais, 2, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura – Direcção Regional dos Assuntos Culturais – Arquivo Regional da Madeira.
- NORONHA, Henrique Henriques de Noronha, [1948], *Nobiliário de Famílias que passaram a viver a esta ilha da Madeira, depois do seu descobrimento, que foi no ano de 1420*, [S. Paulo], Revista Genealógica Brasileira.
- PAREDES, Maria Favila Vieira da Cunha, 2005, *Sonho da Ilha Afortunada e memórias de tempos difíceis: documentos históricos da ilha do Porto Santo*, in *Arquivo Histórico da Madeira: Boletim do Arquivo Regional da Madeira*, Série Transcrições Documentais, 2, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura – Direcção Regional dos Assuntos Culturais – Arquivo Regional da Madeira.
- PAREDES, Maria Favila Vieira da Cunha, 2012, «Capela de Nossa Senhora da Ajuda e Morgadio dos Piornais em S. Martinho, Funchal, ilha da Madeira», in ROSA, Maria de Lurdes (org.), *Arquivos de família, séculos XIII-XX: que presente, que futuro?*, Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, Centro de História de Além-Mar, Caminhos Romanos, pp. 243-264.
- PEIXOTO, Pedro Abreu, Jun. 1991, *Arquivos de família: orientações para a organização e descrição dos fundos dos arquivos de família*, [Lisboa], Instituto Português de Arquivos, Estudos e Documentos Técnicos.
- REINA, Gabriele, 2017, «Lo stemma dei Perestrello e alcune importante testimonianze artistiche», in *III CONGRESSO INTERNAZIONALE COLOMBIANO – Torino*, Palazzo Lascaris, 12 e 13 Ottobre 2017, disponível em https://www.academia.edu/36171138/Lo_stemma_dei_Perestrello_e_alcune_importanti_testimonianze_artistiche._III_CONGRESSO_INTERNAZIONALE_COLOMBIANO_-_Torino_Palazzo_Lascaris_12_e_13_Ottobre_2017, consultado em 01-04-2019.
- ROSA, Maria de Lurdes, 1995, *O morgadio em Portugal sécs. XIV-XV*, Lisboa, Editorial Estampa.
- ROSA, Maria de Lurdes e NÓVOA, Rita Sampaio da (coords.), 2014, *Arquivos de família: memórias habitadas: Guia para salvaguarda e estudo de um património em risco*, Col. Instrumentos de trabalho – I, Lisboa, IEM – Instituto de Estudos Medievais.

- SERVIÇO EDUCATIVO DO ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA, 2006, *Genealogia e História da Família: caderno pedagógico*, Secretaria Regional do Turismo e Cultura – Direcção Regional dos Assuntos Culturais – Arquivo Regional da Madeira.
- SILVA, Armando Malheiro, 2016, «Prefácio», in LIMA, Luís Horta, *Estratégias de classificação dos arquivos familiares e pessoais contemporâneos: o exemplo do arquivo da família Benito Maçãs*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- SILVA, P.º Fernando Augusto, 1998, «Instituições vinculares», in *Elucidário Madeirense*, vol. II, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, pp. 171-173.
- SILVA, P.º Fernando Augusto, 1998, «Perestrelo (Bartolomeu)», «Porto Santo (Capitania do)», «Porto Santo (Vila e Município)», «Porto Santo (Desenvolvimento, decadência e crises)» e «Quintos e oitavos», in *Elucidário Madeirense*, vol. III, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, respetivamente pp. 71, 116-117, 118, 122-123.
- SOUSA, João José Abreu de, s.d., *Uma árvore de costados dos Perestrelos portugueses: os capitães do Porto Santo*, Secretaria Regional de Educação e Cultura – Direcção Regional dos Assuntos Culturais.
- SOUSA, João José Abreu de, s.d., *Casa Colombo – Porto Santo e a Expansão*, disponível em http://www.museucolombo-portosanto.com/museu_portosanto.html, consultado em 13-03-2018.
- TRINDADE, Ana Cristina e PERNETA, Paulo, 2016, «Perestrelo, Bartolomeu», in *Aprender Madeira*, disponível em <http://aprendermadeira.net/perestrelo-bartolomeu/>, consultado em 13-03-2018).
- THOMAZ, Luís Filipe F. R., 2015, «Cristóvão Colón: português, natural de Cuba, agente secreto de D. João II?», in *Anais de História de Além-Mar*, vol. XVI, pp. 483-542.
- VIEIRA, Alberto, 2016, «Colombo, Cristóvão», in *Aprender Madeira*, disponível em <http://aprendermadeira.net/colombo-cristovao/>, consultado em 01-04-2019).
- VIEIRA, Alberto e RIBEIRO, João Adriano (intr. e notas), 1989, *Anais do Município do Porto Santo*, Porto Santo, Câmara Municipal do Porto Santo.
- VIEIRA, Maria João Pereira da Silva Favila, VIEIRA, Fernão Manuel Favila e PAREDES, Maria Favila Vieira da Cunha, 2004, «Capela de Nossa Senhora da Ajuda: memória e atualidade», in *Islenha*, n.º 35, pp. 163-193.
- VIEIRA, Sofia Favila, «Vieira, Fernão Manuel Homem de Gouveia Favila», in *Aprender Madeira*, disponível em <http://aprendermadeira.net/vieira-fernao-manuel-homem-de-gouveia-favila/>, consultado em 04-04-2019.

